Digitized by the Internet Archive
in 2016

https://archive.org/details/sequeiraemromadu00corr

SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA DA ARTE PORTUGUESA
VI
(Colecção louvada pelo Ministério da Instrução Pública)

VERGÍLIO CORREIA
PROFESSOR DE HISTÓRIA DA ARTE NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Sequeira em Roma

DUAS ÉPOCAS

(1788-1795 — 1826-1837)

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1923

SEQUEIRA EM ROMA

Desta edição
fez-se uma tiragem especial de 100 exemplares,
numerados e rubricados.

N.º 100

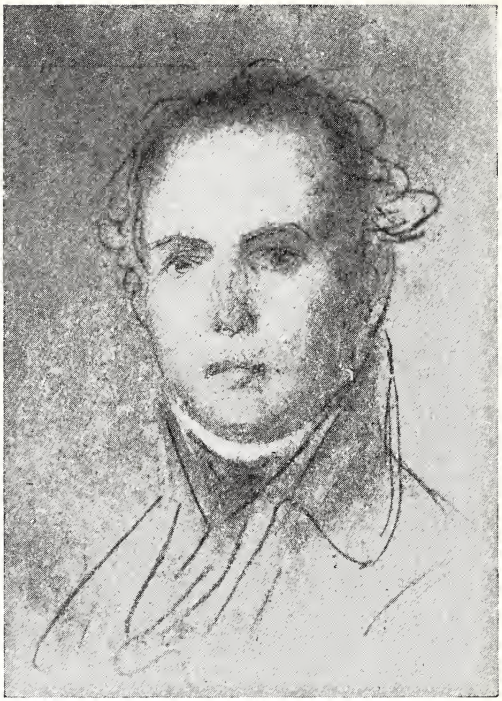

Fig. 1.—DOMINGOS ANTONIO DE SEQUEIRA
(Auto-retrato)

(Da Coleção do Museu Nacional de Arte Antiga).

PREFÁCIO

Na minha terceira viagem de estudo a Itália, em 1920, durante os dois mêses que passei em Roma ocupei-me em reconhecer e sondar os arquivos da cidade eterna. Necessitava aquilatar da cópia de documentos interessantes para a arte portuguesa, que poderiam conter. Visitei Latrão, o extraordinário repositório religioso da Roma paroquial, o Vaticano, o Archivio di Stato, o Archivio Municipale, o da Accademia di S. Luca. Mero trabalho de reconhecimento, desbravando o caminho para futuras investigações. Verifiquei que tinha trabalho para anos.

Examinando o arquivo do nosso Santo António dos Portugueses encontrei então alguns documentos referentes a Sequeira, de que dei notícia em crónica, no jornal A Pátria.

Voltando a Roma em Junho do corrente, não me permitindo o pouco tempo de que dispunha — outros escassos dois mêses —, alargar-me muito, limitei as

investigações a factos concernentes aos artistas portugueses do século XVIII *e principalmente a Sequeira, cuja vida na* Urbs, *o livro do Dr. Teixeira de Carvalho,* Domingos António de Sequeira em Itália, *viera tão notàvelmente esclàrecer. Tive a felicidade de encontrar nos arquivos de Academia de S. Lucas, no de Santo António e no da antiga Embaixada — que o sr. dr. Pedro Martins, nosso ilustre e respeitado Ministro junto do Vaticano, me permitiu consultasse —, mais alguns documentos respeitantes ao grande artista.*

Tais documentos, juntamente com a indicação dos seus quadros que procurei e achei, constituem o assunto desta monografia, evidentemente incompleta — o que há perfeito neste mundo? — mas que algumas novidades contem acêrca da vida e obras daquele que foi o nosso maior desenhador.

Dezembro de 1922.

PRIMEIRA ÉPOCA

1788–1795

CHEGADA A ROMA

Partido de Lisboa em fins de Maio, embarcado num navio francês, Sequeira aportou a Génova a 6 de Junho. Juntamente com êle seguiam dois outros rapazes, de que a correspondência trocada entre o nosso cônsul na cidade, João Piaggio, e o Guarda-Jóias de D. Maria I, João António Pinto da Silva, não nos revela os nomes, mas que poderiam e deveriam ter sido, João Caetano Rivara e António Sisenando Pinto, dois aprendizes de gravador, que o Intendente nesse ano de 1788 enviou para Roma (1).

O cônsul designa-os simplesmente por «os companheiros» (2), naturalmente porque os não podia apelidar de pintores, como a Sequeira.

Quanto a Sisenando, um ofício de José Pereira

---

(1) Cyrilo Volkmar Machado — *Collecção de Memórias,* 2.ª ed., págs. 236 e 237.

(2) Teixeira de Carvalho — *Domingos António de Sequeira em Itália,* pág. 2.

Santiago, datado de 20 de Agôsto do mesmo ano, menciona-o como «um dos últimos rapazes que êle (o Intendente) para aqui mandou a aperfeiçoar-se na arte de abridor» (1). Nenhuma dúvida me resta pois de que êle foi um dos que acompanharam Sequeira até Roma.

Recomendara o guarda-jóias o artista como um excelente moço «dotado de génio disposto para a arte de pintura», estipulando que lhe fôsse paga uma pensão de 10.000 reis, a começar do mês de Junho (2). E como ainda não chegara o embaixador D. João de Almeida, pede a Santiago, oficial da secretaria dos Negócios do Reino, em comissão em Roma desde o tempo do Ministro Almada, e Encarregado de Negócios nas ausências dos embaixadores, que o tome sob a sua protecção (3).

João Pereira Santiago em carta de 3 de Setembro (4) relata ao Pinto da Silva como recebera e albergara no Palácio da Embaixada a Sequeira, e como êste ocupava o seu tempo observando pinturas

---

(1) *Ofícios e cartas de J. P. Santiago*, de 1782 a 1791, fl. 190 (*Arq. da Leg. Port.*).

(2) Teixeira de Carvalho, *Obra citada*. Carta de 14 de Julho, pág. 2 e 3.

(3) Idem, *Ibidem*, Carta de 29 de Julho, pág. 4 e 5.

(4) Idem, *Ibidem*, pág. 10.

nos Palácios do Capitólio e em galerias de príncipes. Narra-lhe também que o moço artista desejava fazer-lhe «de sua ideia e arbítrio, o retrato, por não lhe agradar o que viu feito de mão alheia» (1).

E não volta a referir-se a tal assunto. ¿Teria Sequeira chegado a realizar a obra que prometera ao Encarregado de Negócios?

---

(1) Teixeira de Carvalho, *Obra citada*, pág. 11

O RETRATO DE JOSÉ PEREIRA SANTIAGO

Era esta a primeira referência a uma obra do pintor em Itália, e o silêncio da correspondência de Santiago, ao depois, sôbre o assunto, nada tinha de animador. ¿Existiria ainda o retrato, que, a ter-se executado, figuraria na cronologia artística de Sequeira num dos primeiros lugares?

Existia e estava-me reservada a alegria de o poder estudar e divulgar neste livro.

Conhecedor das cartas publicadas pelo Dr. Teixeira de Carvalho, não tardou muito, uma vez instalado em Roma, que perguntasse ao meu amigo Dr. Emídio Garcia se existiam na cidade alguns descendentes de Pereira Santiago. A resposta foi o mais satisfatória possível. Não só existiam, como o seu legítimo representante era o cônsul de Portugal na capital de Itália.

Logo aprazamos uma visita ao referido funcionário

Fig. 2. — JOSÉ PEREIRA DE SANTIAGO
Retrato a óleo por Domíngos António de Sequeira

(Na posse da família, em Roma).

e, uma vez na presença do sr. Barigioni Pereira Santiago, italiano de nação, mas tão português, pelo respeito que conserva pelos seus antepassados, como qualquer dos que o visitavam, e exposto o fim que ali nos levava, ouvimos uma resposta que nos deixou entre esperançados e receiosos. Possuia, de facto, um retrato do seu antepassado, mas êsse retrato era considerado como obra do pincel de Pompeo Battoni. E o sr. cônsul, que é um devotado amador de antiguidades e belas-artes, levou-nos em seguida à sala onde tinha a sua galeria familiar.

Entre os quadros que a compunham, um, logo de entrada se nos afigurou de Sequeira. Mas não era o que o sr. cônsul nos indicava como representando José Pereira Santiago. O que o sr. Barigioni mostrava como tal era um outro, onde se divisava uma figura tranqüila de velho, a face cheia, cuidada como a peruca Luís XVI que lhe diademava a fronte, bôca de lábios bem cortados; franzindo nos estremos, o nariz grosso, os olhos plácidos, o pescoço gordo envolvido por uma gravata branca, cujo remate rendado descia sôbre o peito, canalizado pelas bandas desgoladas da casaca de sêda, de um tecido vermelho listado horisontalmente. Logo por baixo das rendas, recortando-se nítida no espaço triangular deixado pelo afastamento das bandas dessa

casaca, apertada só no terceiro botão, uma cruz de Santiago brilhava discretamente, os contornos vincados a branco; e do lado esquerdo do peito, à altura do coração, sôbre uma venera cruciforme, uma outra cruz reluzia sôbre o fundo quente do gorgorão.

¿Seria a obra, de Battoni, ao que induzia a tradição familiar da existéncia de um retrato pintado por êsse artista, ou do Sequeira?

Foi a venera de S. Tiago que resolveu o caso. Pompeo Battoni, o pintor da *Ceia* e outros paineis encomendados para a Basílica da Estrela, morrera em Janeiro de 1787.

José Pereira Santiago foi feito cavaleiro de S. Tiago em 23 de Abril de 1787 (1) e armado por D. José

---

(1) Por justos e particulares motivos, que me foram prezentes, e se fizeram dignos da Minha Real Attenção, e em consideração de que Jose Pereira Sant-Iago se acha encarregado dos Negocios da minha Corôa na Côrte de Roma, onde os trata à minha satisfação; e a querer que na mesma Côrte se veja com toda a brevidade condecorado com o Habito de Ordem de Sant Iago de Espada, que lhe tenho mandado lançar: Hey por bem de o dispensar das Provanças, e Habilitaçoens de sua Pessoa, a que se deveria proceder para receber o referido Habito, havendo-o a este fim por habilitado; Dispensando-o outro sim na falta de quaesquer Certidões, e Folhas Corridas, que seria obrigado a apresentar; e para que na Real Capella de Santo Antonio dos Portuguezes da Cidade de Roma, qualquer Pessoa constituida em Dignidade Ecclesiastica lhe possa lançar o sobredito Ha-

Azara, ministro de Espanha, em 19 de Agôsto do mesmo ano, conforme participa em ofício para a côrte em 22 (1). Logo não podia Battoni tê-lo retratado com as insígnias da Ordem. E não tendo sido a cruz acrescentada na tela, como verifiquei,

---

bito da Ordem de Sant-Iago, e logo admitillo á Profissão della; não obstante quaesquer Estatutos e Disposições da mesma Ordem em contrario. A Meza de Consciencia, e Ordens o tenha assim entendido, e lhe mande passar os Despachos necessarios. Palacio de Nossa Senhora de Ajuda em vinte e trez de Abril de mill setecentos oitenta e sete

Reg. a fl. 157

Visto estar Joze Pereira Sant Iago dispensado nas habelitacoens a q̃ se devia proceder pª receber o Abito de Sant-Iago, na falta de Certidoins de Baptismo e Folhas Corridas, e para receber e professar o mesmo Abito na Cid.e de Roma na Conformidade do Decreto de 23 do Corrente, nesta Conformidade o julgão Entº e mandão se lhe passe Certidão em forma.

Meza 30 de Abril de 1787.

Por portaria do Visconde de Vila Nova de Cerveira de 17 de Abril de 1787.

(Maço 6.º, n.º 77, das Habilitações de S. Tiago. T. do T.).

(1) «Na manhãa de Domingo 19 do corrente mez na capella da Igreja Nacional de S. Antonio em virtude da Provizão e Decretos de S. Mag.de me armou de cavallrº da Ordem de S. Tiago o Cavalh.º D. Joze Nicolao Azara, Min.ro de Hespanha e me lançou o Habito e recebeu a Profissão Monsenhor Volpe Arcebispo de Neocesarea assistindo tambem como padrinhos dois cav.ros da Ordem Militar de S. Estevão...»

(*Oficios e cartas de José Pereira Santiago, de 1782 a 1791* — Para o Sr. Martinho de Mello e Castro).

restava-me sòmente entregá-lo a Sequeira, tanto mais que a maneira de Battoni, de quem vi um retrato, é bastante diversa da do autor da pintura.

Nesta figura de Santiago, Sequeira revela-se já o retratista máximo que conhecemos dos decénios seguintes. Mas o seu quadro, acusando talvez mais a influência da escola francesa de retrato, do que da italiana, é, embora perfeito, um pouco frio. Mede a tela 0,61 de alto, por 0,49 de largo. Não está assinada, nem datada.

O outro retrato que mais fortemente solicitara a minha atenção, representava, segundo a informação do sr. Barigioni, Francisco Pereira Santiago, filho do cavaleiro José Pereira, nascido por 1773 ou 1774 e falecido de moléstia de peito, em 1819. Mostra um homem novo, voltado à direita e olhando quási de frente, de cabelo desgrenhado, à Titus, e patilhas, a face doentia onde a bôca e o nariz do pai, José Pereira, nos aparecem reproduzidos, modificados um pouco pelo elemento novo de uns olhos claros, azuis. A cara emerge de um colarinho mole que cinge bem o pescoço, apertado pela gravata branca caindo sôbre alvos folhos pregueados que contrastam violentamente com a negrura da casaca e colete, talhados na moda do primeiro decénio do século XIX. Mede a tela 0,615 de alto, por 0,48 de largo, di-

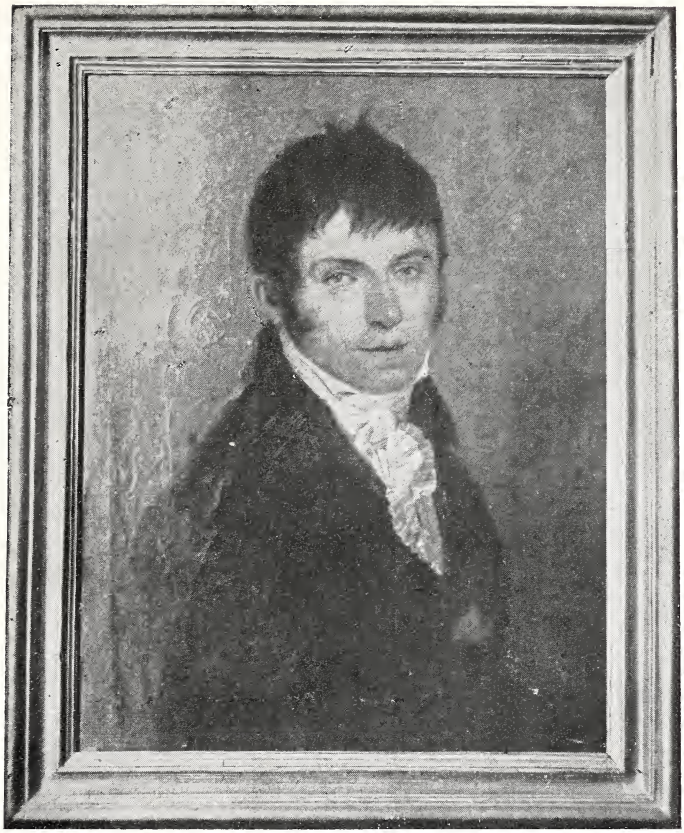

Fig. 3. — FRANCISCO PEREIRA DE SANTIAGO

Retrato a óleo

(Na posse de familia, em Roma).

mensões estas idênticas às do retrato de José Pereira Santiago.

Êste retrato é que, pela perfeição do modelado, pela maneira e pela côr, nos aparece como um Sequeira da sua melhor época. O sr. cônsul nada me podia informar acêrca da autoria do quadro, porque nenhum documento a êle concernente possuia. Mas não se cançou de me repetir que a sua família estivera, após o regresso de Sequeira, a Roma, nas melhores relações com a família do pintor, a filha D. Mariana e o marido, Barão da Venda da Cruz. Outra tela, da mesma época desta, representando uma filha de José Pereira, irmã de Francisco, senhora que casou com Domingos Pappiani, homem de negócios, banqueiro e cônsul de Portugal em Roma e portos dos Estados Pontíficios, perdera-se. O quadro que a representava era conhecido na família pelo, *do papagaio,* porque a menina fôra retratada com êsse animal ao lado. Seria igualmente obra do pintor português.

Um ponto ficava por esclarecer. ¿Em que época pintara Sequeira êsse quadro? Em 1795, ano em que se retirou para Portugal, tinha Francisco 21 anos. ¿Representa a figura um homem desta idade? E como o mesmo retratado faleceu em 1819, antes de Sequeira ter voltado a Roma, teremos de admitir

que, ou o artista o pintou antes de retirar-se, ou que o completou depois de 1826 sôbre esboços ou apontamentos anteriores.

Sôbre José Pereira Santiago, natural de Monte mór o Velho, familiar de D. Francisco de Almada e Mendonça e por este empregado na Embaixada, tornado pelos seus bons serviços indispensável nela, várias vezes Encarregado de Negócios nas ausências dos embaixadores, enobrecido com títulos de Cavaleiro Fidalgo da Casa Real e com o Hábito de S. Tiago, bela organização de trabalhador em cujas sólidas mãos se reüniram por vezes todos os fios da política pombalina e post-pombalina na cúria romana, coligi alguns documentos que a seguir transcrevo, juntamente com outros referentes aos seus descendentes. Muitos outros, valiosíssimos, deixou publicados sôbre a mesma personagem, o Dr. Teixeira de Carvalho.

Para D. Luís da Cunha — Grotta-ferrata 24 de Janeiro de 1771.

P. S. Antes da rotura corria pela Secretaria deste Ministerio o pagamento de algumas Pençoens que quando sahi de Roma ordenei ao Consul Nicolau Piaggio as satisfizesse aos que sahissem do estado eclesiastico: suspendi porem huns 8 escudos q̃ se davão ao Archivista, q̃ não hera necessario, durante a rotura, e como agora tenho destinado para este emprego a Joseph Pereira de Santiago

meu familiar, que escreve na minha Secretaria, e q̃ me serviu sempre desde o principio do meu Ministerio, com Amor, fidelidade e zelo, peço a V. Ex.ª ordene ao dito Piaggio lhos pague ou o que lhe parecer, ou me dê a faculdade de os lançar na conta desta Secretaria; sobre este ponto escrevo tambem a meu Primo o Sr. Marquez, manifestando-lhe o desejo que tenho de dar alguma cousa a este bom criado. *(Do Copiador de D. Francisco de Almada).*

«Congregação particular de 2 de Dezembro de 1791 — Com approvação do Ill.mo e Ex.mo Snr. D. Alexandre de Sousa Holstein Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário de Sua Magestade aprezentou José Pereira Santiago huma memoria na qual, allegando alguns serviços que prestou a esta Real Casa desde o tempo que foi eleito Notario e Secretario da mesma, pedia e esperava que a Ill.ma Congregação admitisse a seu filho, Francisco José Pereira, de idade de 18 anos, naturalizado português e practico na lingoa, por seu coadjutor e futuro sucessor nos seus empregos e a podellos executar nos seus impedimentos, cuja graça lhe foi acordada, como do escrito feito na mesma memória (a.) *Jose Pereira Santiago depdo e Secretario.* (*Do Livro das Congregações* de Santo António).

«Congregação particular de 1 de Dezembro de 1795 — Deu parte o sr. Conego governador de ter falecido no dia 20 do passado Novembro o sr. Cav.º José Pereira Santiago, nosso Deputado e Secretario (meu amantissimo Pae), e que tendo deixado o seu corpo a esta Real Igreja nella depois das solemnes exequias na manhã do dia 22 foy sepultado no jazigo assinado para os Snrs. Deputados, que he debaixo do altar de Santa Izabel... Decretou-se tam-

bem que eu abaixo assignado o qual tinha sido feito coadjutor do d.º meu Pay na Congregação particular de 2 de Dezembro de 1791 ficasse logo proprietário e actual secretário da Ill.ma Congregação (a.) *Francisco Pereira Santiago.*

(Do mesmo Livro).

«*P.a o S.r Visconde de Sá da Bandeira — Illm.º e Ex.mo Snr.* — Com este Officio tenho a honra de remetter a V. Ex.a uma Carta q̃ me dirigio Mons.or Estevão S.cerra. Bispo de Orope, Secretario da Congregação sobre a Disciplina Regular, recomendando-me os Pupillos Fran.co e Gustavo Pereira dos quaes elle se acha Tutor depois da morte de seu Pai José Pereira Santiago, que perderam há poucos dias.

«As circunstancias d'aquelles Pupillos sam sem duvida, dignas de consideração. Seu Visavó Jose Pereira, Cav.º da Ordem de S.t Iago da Espada exerceu nesta Côrte por m.s annos o Emprego de Encarregado de Negocios de Portugal. Seu Avó Fran.co Pereira sempre se prestou ao Serviço da Nação em tudo o q̃. os Embaxadores ou Ministros Portugueses aqui residentes no seu tempo julgarão a proposito emprega-lo. Foi Secretario da Congregação de S. Antonio dos Portuguezes em cujo emprego teve por sucessor seu filho Joze Pereira, Pai dos sobreditos Pupillos, q̃ nestes ultimos tempos foi um dos partidistas mais zelantes da causa de S. M. a Rainha nesta Côrte.

«A Congregação de St Antonio dos Portugueses tendo em consideração os serviços dos seus antepaſsados, nome ou já um dos ditos Pupillos seu Secretario, e Mons.or S.cerra Tutor d'elles implora por minha interceſsão a Clemencia de S. M. para q̃. a mesma Aug.ta Snra. se digne de estender ao mais velho Fran.co Pereira Santiago, a

graça de Cav.º da Ordem de Xp.to conferida a seu Pai por decreto de 11 d'Agosto e de q̃. este por sua morte inopinada não poude gozar, havendo feito a não insignificante despeza de promptificacão do competente Diploma.

«Julgo portanto a proposito lembrar a V. Ex.ª q̃. no caso q̃ S. M. se Digne Fazer mercê ao mencionado Pupillo, conviria que na participação q̃ se me dirigiſse sobre este aſsumpto se fizeſse menção da recomendação de Mons.or S.cerra, pois não me parece inutil obrigar por este modo uma peſsoa d'influencia nesta Côrte, como è Monsenhor... Roma em 27 de Fevereiro de 1839 (a.) *J. P. Migueis de Carvalho*».

(Da *Correspondência para o Ministerio dos Negócios Estrangeiros, de 28 de Agósto de 1837 a 17 de Setembro de 1839*, of. n.º 9 de 27 de Fevereiro de 1839).

O Gustavo Pereira, filho de José Pereira, neto de Francisco Pereira e bisneto de José Pereira Santiago, foi o pai do sr. Barigioni Pereira de Santiago, actual Cônsul de Portugal, representante portanto de uma família que desde há 150 anos serve com dedicação a nossa pátria na cidade eterna, e da qual alguns componentes tiveram a honra de ser conhecidos, amigos, e, o que é mais para êste caso, retratados por Sequeira.

A EXCURSÃO A GROTTA-FERRATA

Em carta de 29 de Outubro de 1788, José Pereira Santiago escreve ao Guarda-Jóias, em *post-scriptum*, numa carta:

« Levei Dom^os^ Ant^o^ Sequeira a Grotta ferrata: em 4 dias desenhou toda a Capella de Dominiquino com admiração dos intendentes, e de 3 Ingleses que aly estudavão. Graças a D.^s^ que já vejo hum moço portugues dar nome ».

Grotta-Ferrata, a uns 4 quilómetros de Frascati, sôbre uma branda encosta dos Montes Albanos, é uma vilória afogada de vinhedos, senhoreada de um castelo quinhentista, que a população rica de Roma escolhe ainda hoje como aprazível estância de vilegiatura.

Possuia aí o Ministro Francisco de Almada e Mendonça, comprada ou arrendada, uma casa de campo, que, após a sua saída, continuou na posse da Embaixada. José Pereira Santiago convidou

Sequeira para o acompanhar de passeio ao *villino* e de lá o levou em primeira visita ao Castelo, notável obra de arquitectura militar, em cujo centro se levantava, e perdura, a velhíssima abadia fundada por S. Nilo no ano 1004 da nossa era.

O Castelo, erguido para protejer o mosteiro por Giuliano Della Rovere, sobrinho do papa Sisto IV mais tarde elevado também ao pontificado sob o nome de Júlio II, foi ideado por Bramante e construído sob a direcção do célebre arquitecto Sangallo.

Não estranhamos, portanto, ao entrar nele, deparar com uma estupenda galeria do primeiro e mais puro renascimento italiano, separando a mole pesada do edifício monacal, da igreja abacial tantas vezes modificada, em que sòmente a tôrre de tijolo de seis andares, vasada de triplices janelas em cada face, mosqueada de placagens de mármores policromos, recorda a vetustez originária.

E no interior do templo, o que mais atrai a atenção é sem dúvida a capela consagrada aos fundadores S. Nilo e S. Bartolomeu, tôda pintada a fresco no comêço do século XVII por Domenico Zampieri, o Domenichino cuja fama em seu tempo só foi ultrapassada, por vezes, pela de Rafael.

O que sucede em nossos dias sucedia há 134 anos. Sequeira dominado pela beleza e grandeza do con-

junto pictural resolveu-se a copiar os frescos, realizando êsse trabalho no curto espaço de 4 dias, como informa a carta de Santiago (1).

Esta capela que o Encarregado de Negócios denominava *do Domenichino*, é conhecida em todos os guias artísticos de Roma e na monografia da Abadia (2), por *Capella Farnesiana*, pois que foi o Cardeal Odoardo Farnese que a mandou ornar com as pinturas que lá vemos ainda.

O estudo e cópia dêsses bons frescos pelo nosso pintor, no comêço da sua aprendizagem de Roma, deve ter exercido uma influência duradoura na sua obra. Infelizmente a reprodução feita por Sequeira do trabalho de Zampieri perdeu-se ou jaz ignorada em algum arquivo particular e não podemos por isso apontar senão uma ou outra figura de composições suas, onde essa influência se manifeste claramente.

A capela é rectangular, de tecto apainelado, sendo separado o espaço confinante com o altar, do resto da construção, por uma balaustrada sôbre a qual se erguem quatro colunas de mármore africano. Dentro

---

(1) Teixeira de Carvalho. *Obra citada*, pág. 12.

(2) D. Cosma Buccolá — *Ricordi di una visita alla monumentale badia greca di Grotta ferrata.* Grottaferrata — 1913, pág. 25.

dêsse espaço reservado, em pintura de mestre, do lado direito a Senhora aparece a S. Nilo, o iniciador da Abadia, e a S. Bartolomeu o continuador da obra dela; e do lado esquerdo o primeiro dos dois santos sara um rapazinho possesso colocando-lhe na língua um pouco do azeite da lâmpada que arde ante a imagem da Madona. A tela do altar é de Caracci.

No corpo do santuário estão as duas grandes composições do *milagre de S. Bartolomeu*, que durante as obras impediu a queda de uma coluna; e da *visita do imperador Otão III a S. Nilo.* Na primeira a figura do arquitecto que mostra um plano é a de Annibale Carraci, o autor do quadro do altar maior; e na segunda há, representados ao natural, tôda uma série de personagens conhecidos do Zampieri.

O imperador Otão é o próprio cardeal Farnesio, e o venerando e barbado ancião que lhe está chegado, o pai do mesmo. Domenichino segura as rédeas do cavalo do potentado, que se apeou para saüdar S. Nilo. O pintor Guido Reni, linda e expressiva figura de artista, apoia o braço direito no pescoço do cavalo, olhando-nos de frente, e ao seu lado, lança na mão, figurando também de pagem, o Guercino mostra o perfil adunco de medalhão romano.

Perto das portas da capela, de um lado e outro,

duas pinturas de menores dimensões representam-nos: *S. Nilo em oração;* e *S. Nilo conjurando uma tempestade.* Ocupando o alto das paredes numerosos padres da igreja, pintados nos tons claros das portas dos trípticos quinhentistas.

Conjunto de uma harmonia e beleza raramente encontradas na pomposa mas fria decoração dos santuários italianos do século XVII; vasta composição, que espanta o nosso Sequeira houvesse copiado em tão pequeno espaço de tempo!

Aponto com claras mostras da influência dêstes frescos na obra de Sequeira, os eremitas da série de Laveiras, os anjos e *putti* da *Alegoria à fundação da Casa Pia*, e o colorido das composições da sua primeira época de Roma.

OS CONCURSOS DE 1789

Menos de um ano após a sua chegada a Roma, Sequeira ganha um prémio na Academia do Nu do Capitólio, Academia freqüentada por tôda a juventude romana e pela acorrida de desvairadas partes a estudar e desenvolver-se à sombra tutelar dos grandes mestres. Em carta para o Guarda-Jóias, datada de 17 de Março de 1789, o moço artista informa: «Tendo nestes ultimos dias aberto na Academia de Campidolho os concursos dos desenhos para que se apresentaram quarenta concorrentes, tive a felicidade de merecer o segundo premio dos seis que estão destinados para os que mais se distinguicem» (1).

Numa das pastas do Arquivo da Academia de S. Lucas, de que a Academia do Capitólio era uma dependência, encontrei o desenho premiado.

---

(1) Teixeira de Carvalho. *Obra citada*, pág. 16.

que fiz fotografar e reproduzo junto. Representa um homem nu, forte e atarracado, o cabelo desgrenhado, a face meio escondida pelo avançamento do ombro direito. Á esquerda, no fundo, lê-se a inscrição: *Primo secondo. Domenico Antonio Sequeira. Portoghese.*

Êste prémio veiu dar a Sequeira a consciência do seu verdadeiro valor entre os moços artistas de Roma. E tendo conhecimento de que novo concurso, êsse de maior importância, não já de simples academia, mas com um quadro de composição por assunto, haveria de realizar-se no mês de Maio seguinte, deitou-se ao trabalho com entusiasmo.

Em carta para Pinto da Silva, José Pereira Santiago, participava a 25 de Março: « Domingos Sequeira agora não pode pintar, porque tendo tido a fortuna de levar entre 40 concorrentes hum dos tres premios da 1.ª classe da Academia do Capitolio, estuda agora com maior força para desempenhar o Sugeito, que dão para a outra Academia de premios a que elle torna a concorrer, e que terá lugar no mez de Mayo. Assentão os Professores que este moço tem merecimento grande, e se continuar ha de vir a ser hum assombro » (1).

---

(1) Teixeira de Carvalho. *Obra citada*, pág. 18.

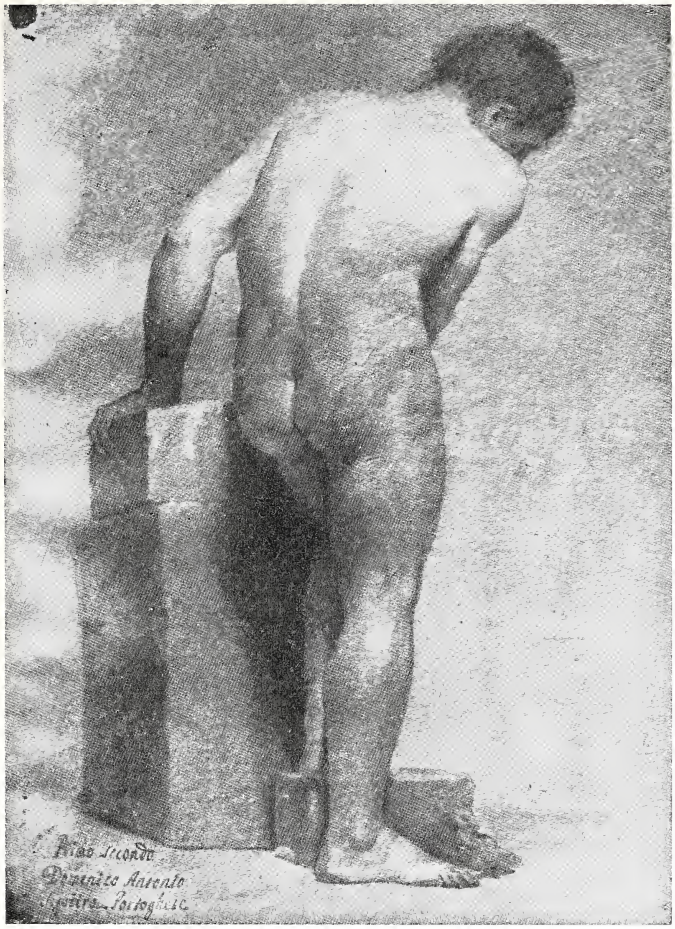

Fig. 4.—ESTUDO DE NÚ

Desenho de Sequeira premiado no Concurso de Academia do Nú, do Capitólio, em março de 1789

(Na Academia de S. Lucas, em Roma).

Uma carta de Sequeira para o Guarda-Jóias, publícada pelo Dr. Teixeira de Carvalho, mas que apesar disso, pelo seu grande interêsse, extratarei, e um folheto impresso em Roma, ministram-nos valiosas informações sôbre o que foi êsse concurso.

Eis o que conta Sequeira, em carta de 27 de Maio:

« *Meu Senhor:* Vou com esta agradecer a V. S.ª o favor p.ar da carta com q̃ se dignou de honrar-me na data dos 21 de Abril precedente o q̃ até agora não me foi possivel, por estar ocupadissimo com hũ dissenho de Invençam q̃ havia de entregar aos 19 do corrente p.ª o concurso dos 25 do mesmo: o assumpto era = *Christo no Dezerto q.do deu de comer com 5 paens, e 2 peixes a 5.000 pessoas.* Este assumpto tinha-se proposto ha 4 annos por q̃ de 4 em 4 he q̃ se faz este Concurso, de q̃ eu fui Sabedor em Março, q.do fiz o pr.º concurso em Campidolho; assim que revestido de espirito, e implorando a Divina Graça me puz á obra, q̃ conclui em hum mez, e dias: e tendo se destinado hũ certo dia p.ª os concorrentes, depoes q̃ entregaram os seus dissenhos, se acharem na Academia de S. Lucas, p.ª fazerem as suas provas, tirou hũ dos Professores, de hũa caixa, hũa sorte, e nella se achou descripto *O Sacrificio de Abram*, que no breve tempo de duas horas devia cada hum fazer, no qual breve tempo eu fiz duas. Acabado o d.º tempo se entregarão aos mestres as provas, q̃ se unirão aos dizenhos, pelos quaes julgaram o merecimento de cada hum: quiz Maria S. S.ma que eu tambem nesta 1.ª classe tivesse o 2.º Premio (advertindo q̃ outra vez não se pode

concorrer por ser este o ultimo q̃ se dá aos q̃ se julgam mais dignos) e o 1.º Premio o teve hum Romano, que meteu mais de hum ano a fazer o seu disenho» (1).

Uma colecção de folhetos referentes a assuntos de Belas Artes, existente na Academia de S. Lucas e que, guiado pelo ilustre arqueólogo, professor Tomassetti, secretário da mesma Academia, folheei com proveito, inclui várias relações das distribuïções de prémios, que freqüentemente tinham lugar nas grandes salas dos palácios papais do Capitólio, hoje ocupadas pelos museus municipais da capital de Itália unificada.

O folheto concernente ao certamen de 1789, tinha no frontispício os seguintes dizeres:

I pregi delle Belle Arti celebrati in Campidoglio pel solemne concorso tenuto dall'Insigne Accademia del disegno in San Luca li 25 Maggio 1789, essendone Principe il Signor Agostino Penna. In Roma--Dalle Stampe del Sasaletti nel Palazzo Massimi.

A páginas VII, lia-se: «E poichè in quest'anno doveasi celebrare il consueto concorso, la Accademia fin dall'anno antecedente publicò colla Stampa i Sogetti, che si doveano fare nele modo, che siegue. Per la prima classe della Pittura — *Gesu*

(1) Teixeira de Carvalho. *Obra citada*, pág. 26.

Cristo, che nel deserto ciba 4000. Uomini senza contare le Donne e Fanciulli con soli sette pani, e poco pesce (S. Mattes. Cap. xv) ».

E a páginas IX: « Per fare le prove furono estratti a sorti li seguenti. Per la pittura prima classe — *Abramo che sacrifica il suo figlio Isacco* ».

Como se vê, pouco variam estes informes dos ministrados por Sequeira, que apenas fantasiou no caso do período de publicidade do ponto do concurso, que fôra de um ano e não de quatro.

E logo continua o folheto: « Avendo i Giovani concorrenti consegnate le lore prove al Secretario fatte nello spazio solito di due ore, si radunarano li Accademici Pittori, e Scultori nel doppo pranzo per giudicare quali erano meritevoli del Premio frà i Pittori, e Scultori, e furono scelti per più meritevoli del premio, li seguenti:

Per la pittura in prima classe si assegnò il primo Premio a *Luigi Agricola, Romano.* Il secondo Premio a *Domenico Antonio Siqueira, Portoghese.* E il terzo ad *Antonio Corsi, Romano,* e a *Gian Battista Turrisi, Palermitano* ».

Segue-se depois, e com ela conclui o folheto, a oração de Mons. Carlo Vallemani « fra gli arcadi; *Cleofilo Cinosurio* ».

A lista dos premiados, incluindo Corsi e Turrisi

como tendo recebido o terceiro prémio, dá razão à informação de Sequeira, de que nesse concurso de 1789, por serem os desenhos muito bons, se havia concedido mais um, além dos três habituais (1).

Organizados pela Academia de S. Lucas e pela *Arcadia,* aquela Arcadia que ainda hoje perdura, que D. João V dotara com um recreio campestre, e naquele tempo tão pobre que necessitava recorrer à côrte portuguesa, os concursos, pletóricos de discursos e pompas, nenhum proveito monetário traziam aos concorrentes. Sequeira recebeu pelo seu prémio, « 3 medalhas de prata, hũa dellas dourada » (2).

As pastas seculares do Arquivo da Academia, conservaram-nos os trabalhos do pintor português.

Aquela onde se encontra a composição de *Cristo no deserto,* tem o título: *Album Disegni premiati dall'I. Accademia Romana di San Luca,* e abrange os trabalhos dos anos de 1758 a 1795. O n.º 174 é o quadro de Sequeira, que ocupa tôda a largura do album, 0,85, e tem por baixo inscrito, em letra cuidada, *Prima Classe — Secondo Premio — Domenico Ant.º Siqueira Portoghese. Anno 1789.*

---

(1) Teixeira de Carvalho. *Obra citada*, pág. 27.
(2) Idem. *Ibidem.*

FIG. 5. — A MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES

Desenho de Domingos António de Sequeira premiado no concurso de maio de 1789

(Na Academia de S. Lucas, em Roma).

Numa outra pasta, sem indicação de autores, mas contendo reünidos os desenhos executados pelos concorrentes premiados, acharam-se as provas do exercício das duas horas.

O milagre da *Multiplicação dos pães*, de Sequeira, não é, em composição e desenho, inferior ao trabalho do primeiro classificado, Luigi Agricola. Sòmente um pouco mais duro, menos teatral, menos à moda. O desenho do romano, leve, gracioso, as figuras dansantes como ainda era usual, é verdadeiramente precioso. Mas o do artista português agüenta bem o confronto. (Fig. 5).

Representa um scenário alpestre. Sôbre um cômoro, senhoreado de ravinas onde magros arbustos apontam, balizado para a esquerda de palmeiras, Jesus, os olhos voltados para o céu, os braços estendidos, ergue em gesto de consagração os pães que vão saciar o povoléu que agrupado à sua volta, coalhando o vale, disseminado ao longo dos carreiros da montanha, espera e confia. Joelho em terra, à sua esquerda, um jóvem mostra sôbre um taboleiro os poucos peixes existentes. E um grupo de velhos e moços aproxima-se, olhando o rosto nimbado de luz do Salvador. No primeiro plano, sentada no chão, segurando o filhinho que amamenta numa posição imitada da *Madona della Sedia*, de Rafael, uma

mulher escuta atenta as observações de um homem cuja cabeça sòmente aparece no desenho. Em frente outra mulher, igualmente sentada, ombros nus cruzados de uma charpa, penteado à moda, impõe silêncio a um gárrulo bambino que lhe quer saltar ao colo. Logo chegados a ela, dois personagens, as mãos abertas, parecem escutar uma grossa figura de homem semi-nu, recostado à maneira dos deuses fluviais, mostrando o tronco poderoso papoado de músculos. Uma infinidade de figuras depois, compondo os grupos, marcando com finura a diversidade de posições do grande rebanho humano acampado.

Tirando algumas caras, menos perfeitas, e certas figuras onde se sente o modêlo de atelier, é êste um magnífico trabalho que ao autor deve ter custado não poucas canceiras e esboços prévios.

Dêsses esboços podem os leitores portugueses com facilidade conhecer os dois que encontrei expostos na colecção Sequeira, do Museu de Arte Antiga, e cujo assunto não fôra até aqui desvendado — o que era natural, visto que desde Sousa Holstein ninguém mais examinara o cartão de Roma.

O maior dêsses esquissos abrange todo o quadro numa fase primitiva, sensìvelmente o mesmo na composição geral, mas assaz diverso nas posições e

gestos de muitas figuras, que, por mais nuas ainda, nos parecem melhores que no cartão definitivo.

A criança a quem a mãe impõe silêncio é uma maravilha de beleza e graça neste primeiro escorço. A figura do deus aquático é então ainda um jóvem de espáduas largas, apontado com frescura. As túnicas tufam e repregam num italianismo exagerado, de que o pintor se emenda na prova de concurso.

O outro esquisso da colecção do Museu mostra-nos um busto de Cristo, barba e bigode apontados, cabelos longos, os dedos da mão esquerda segurando contra o peito os pães que vai consagrar, os olhos claros visando o alto, sem a expressão entre resignada e confiante da prova definitiva.

Supunha ter encontrado todos os esquissos que restavam do quadro do estudante — e devo confessar que muito me admirei de que se conservassem êsses trabalhos de 1789 —, quando, logo no decurso de agôsto, no próprio mês portanto em que regressara de Itália, havendo por acaso visitado em Lamego um distinto professor do Liceu dessa cidade, o sr. Dr. Albano de Carvalho Sardoeira, deparei, na sua sala de receber, com um novo bosquejo da prova de concurso do artista português.

Nesse *sketch* a lápis e branco, ocupado por oito

figuras diversas e independentes, três são representações de Cristo no acto da consagração, aparecendo porém a figura de face e corpo voltados à direita, quando no premiado só a cabeça desvia para êsse lado.

Não perco portanto a esperança de vir a encontrar, espalhados na posse de particulares, mais estudos para a *Multiplicação dos pães.*

Os desenhos do Museu de Arte Antiga, medem: o maior, que tem o n.º 36-*A*, 0,527 de largo por 0,365 de alto; o menor, marcado *N. O. 1285,* 0,215 de largo, por 0,265 de alto.

Mas voltando a Roma e à Academia de S. Lucas.

Depois de algum trabalho conseguiu o Sr. Fallani, *custode* do Museu da Escola, descobrir entre as inumeráveis pastas de desenhos académicos, os dos premiados de 1879. E tive na minha mão os dois trabalhos que o próprio Sequeira declara ter feito no espaço concedido das duas horas. Representam, em duas posições diferentes, o anjo detendo a mão de Abraão que se prepara para imolar Isaac. Medem: o mais largo, 0,34 por 0,295, o menor, 0,28 por 0,295. O desenho é a lápis, tocado em pontos de branco e as duas provas foram executadas sôbre um mesmo papel que depois se cortou. Nos gestos e nas posições do anjo há já qualquer cousa

Fig. 6. — O SACRIFÍCIO DE ABRAÃO

Provas executadas por Sequeira nas « duas horas » do Concurso de 1789, na Academia de S. Lucas, de Roma

(Na mesma Academia).

daquelas figuras voadoras, rompantes, das alegorias do período de Vinte. (Fig. 6). Ao ver uma fotografia que dêstes desenhos mandei tirar, o professor António Augusto Gonçalves, mestre de umas poucas de gerações de artistas, comentou. «Fariam, pelo que parecem ser, e pelas condições em que foram executados, a felicidade de um amador...»

SEQUEIRA ACADÉMICO

Rodeado da consideração de nacionais e estrangeiros, Sequeira quiz chancelar com um título oficial o seu reconhecido valor. Para tal efeito propoz-se entrar para a Academia de S. Lucas, a velha associação romana de belas-artes.

E, segundo as praxes, dirigiu ao Presidente o requerimento a seguir transcrito, o qual extraí do volume 182, n.º 60, do Arquivo Académico.

« Gentilissimo Sig.r Cavaliere. — Domenico Antonio Sicheira Pittore Istorico Pensionato de S. Maestá Fedelissima Supplica V.a S. Illma a volerlo fàr ascrivere nell'Insigne Accademia del Disegno in S. Luca; i riquisiti del medessimo sono l'aver ottenuto il premio in prima classe nell'Anno 1789, nella medessima loro Accad.a, ed anche alcuni premj nell'Accad.a del Nudo in Campidoglio.

Ha egli dipinto alcuni quadri di sua invenzione, che tiene esposti nel suo studio sotto il giudizio de Professori; a tal effetto prega la sua innata bontà i volerlo assistere non solo: mà eziandio essere il mediatore presso quei Signori dell'Accademia stessa, acciò possa ottenere il bramato

intento qualora lo riconoschiano meritevole di un tal'onore. Il sud.° è prontissimo a voler soggiucere a tutti gl'oblighi che l'Accademia prescrive agl'Accademici, e pieno di ossequio, e Sincera Stima si dice Umilis.° ed Oblmo Servitore.

Roma li 2 Agosto 1793. (a.) *Domingos Antonio de Siqueira.*

A letra parece de Sequeira, mas a redacção italiana é que com certeza o não é, pois não é admissível que escrevesse tão correctamente uma língua extranha, aquele que tão mal conhecia a sua.

Sôbre o andamento burocrático dêste pedido, o *Registro delle Congregazioni dell'Accademia di S. Luca dalli 12 maggio all : il primo mag.° 1803,* refere:

A fôlhas 3: « A di 4 agosto 1793 — All'istanza avanzanta al Sig.r Principe dal Sig.r Dom.co Ant.° Sicheira Pittore Istorico Portoghese per essere ammessso Accad.° di merito si è combinato di prendere in considerazione li riquisiti, che il med.° ha esposti nello stesso viglietto di istanza, e di riservarne la decisione alla futura Congregatione, colla solite regole di far correre il Bussolo...

Á margem, do lado direito: *Stanza del Pittore Siqueira essere Accad.°* ».

A fôlhas 3 v.°: A di primo Sett.° 1793 — .., avendo il Sig.r Dom.co Ant.° de Sigueira domandata la Proroga per che si corra il Bussolo sulla richiesta di lui ammissione di Accad.° di merito doppochè avrà esibita un'altra di lui Opera di Pittura più condotta dell'altra presentata, e fatta

con troppa celerità gli è stata accordata la Proroga sudd.ª fintanto chè prasenterà questa sua ulteriore Opera...

Á margem, do lado direito: *Proroga accordata al Siqueira per li esibizione del quadro.* »

Por esta última nota se verifica que Sequeira, para ser admitido apresentou, como era da praxe, um trabalho, mas que não satisfeito com êle, solicitou que a sua admissão sòmente fôsse votada depois de apresentação de nova obra.

Segue o *Registro delle Congregazioni,* a fl. 4:

« A di 6 Ott.re 1793 — Essendosi intimata la Congre. per il pnte. giorno intervennero li seguenti SSig. Accademici.

Sig.r Cav.re Tomaso Conca
Sig.r Ant.o Asprucci
Fran.co Navone
Sig.r Cav.re de Maron
Sig.r Pietro Angeletti
Sig.r Verginio Bracci
Sig.r Vincenzo Pacetti
Sig.r Ant.o Cavallucci
Sig.r Melchiorre Passalacqua
Sig.r Dom.o de Angelis
Sig.r Gio B.a Ceccarelli
Sig.r Cav.re Giuseppe Barberi
Sig.r Giuseppe Cades

Il Sig.r Cav.re Paniciere ha ringraziato con suo viglietto per essere stato ammesso Accad.o d'Onore.

Si é corso il Bussolo per essere ammesso per Accad.o

di merito il Sig.r Dom.co Ant.o Sicheira Pittore Portoghese, ed è stato egli accettato a pieni voti...»

A fôlhas 5: «A di 3 Nov.e 1793 — Dette le Solite Preci furono nominati li SS.ri Concioli, e Passalacque per introdurre il nuovo Accademico Sig.r Dom.co Siqueira Pittore Portoghese, e furono presenti alla stessa Congne. li seg.ti SS.ri Accademici: Conca, Asprucci, Angeletti, de Angelis, Barberi, de Maron, Pacetti, Passalacqua, Cavallucci, Bracci e Sig.r Dom.co Ant.o Siqueira.

Doppo chè il sudd.o nuovo Accad.o Siqueira ebbe fatte le consuete promesse avanti l'Imagine di S.o Luca ricevette l'abbracciam.o da tutti i sopraccennati SS. Accad.ci, e mettendosi a sedere pigliò il possesso, ed in mancanza del Segret.o il Sig.r Cav.re de Maron Pro-Segret.o gli fece scrivere nel solito libro il nome, cognome, Patria, e Professione, e ricevette li Scudi sessanta per la solita Elemosina alla Sagrestia, i quali per sentimento della Banca furono consegnati al Sig.r Pacetti Camerlengo perchè ne renda conto nel fine dell'anno del suo Camerlengato...

(aa.) *Fran.co Navona, Accad.o Segret.o; Tomaso M.o Conca, Principe; Antonio Asprucci, prm.o Consig.re; Agostino Penna Secondo Consigliere.*

Sequeira freqüenta com regularidade a Academia até Fevereiro de 1794, como o indica o registo de presença do Livro das Congregações. Falta depois em Março, Abril e Junho dêsse ano, reaparecendo na sessão de 3 de Agôsto. Volta a faltar em Setembro, Outubro e Novembro de 1794, bem como em Janeiro, Fevereiro e Março de 1795. Reaparece

em 12 de Abril e assiste à última sessão académica desta época de sua vida, em 27 de Maio. Sabemos que nessa altura partiu para a excursão que devia terminar em Genova, em Julho (1).

Esta elevação do artista a academico de S. Lucas, com categoria de professor, deve ter causado não pequena sensação de admiração e despeito, entre a pequena colónia portuguesa de Roma. Da admiração satisfeita dão notícia as duas cartas publicadas pelo Dr. Teixeira de Carvalho, uma de Sequeira para o Guarda-Jóias, datada de 8 de Outubro de 1793 (2) e outra do Encarregado de Negócios, Luís Álvares da Cunha Figueiredo, para o mesmo, de 16 do dito mês (3). Do despeito, talvez a partida de Francisco Vieira, o futuro *Portuense,* para Parma, onde meses depois arrancou também o título de Académico na dessa cidade.

Ás cartas citadas posso juntar uma outra de Luís Álvares, não já para o Guarda-Jóias, mas para o Secretário de Estado, Luís Pinto de Sousa Coutinho, carta cujo original o Dr. A. A. da Costa Ferreira, o ilustre antropólogo recentemente falecido, encon-

---

(1) Teixeira de Carvalho — *Domingos António de Sequeira em Italia,* pág. CLIV.

(2) Idem, *ibidem,* p. 149 e 150.

(3) Idem, *ibidem,* p. 151 e 152.

trou no Ministério dos Estrangeiros (1) e cuja cópia transcrevo de um dos « borrões » da Legação de Roma.

«... Entre os Pensionados de S. Mag^de^ se acha hũ por nome Domingos Antonio Sequeira, cuja pensão se lhe paga do bolcinho particular da Raynha N. Sr.^a^ por via do Guarda Joyas João Antonio Pinto: e podendo eu fazer o elogio de quasi todos, me lemito hoje a fazelo deste q̃ vai dando mostras do seu vasto talento na Pintura, sendo estado ultimamente elleito por Accademico, e Mestre na Celebre, e Antiquissima Accademia de S. Lucas desta Cidade. Constame q̃ as Propinas, e mais despezas q̃ ocorrem para tomar posse de hum tal posto andarão por oitenta mil reis; e como elle não tem de que os pagar, hoje mesmo o partecipo ao dito Guarda Joyas para q̃ alcance de S. Magestade pela mesma repartição da Pensão, ou por onde fôr servida a graça de se lhe fazer esta despeza... »

(Do livro dos *Oficios de Luis Alvares de Figueiredo Encarregado de Negocios, de 1792 a 1802,* fl. 42).

O quadro definitivo de apresentação, por Sequeira oferecido (2) à Academia, foi a *Degolação de S. João Baptista,* que ainda lá existe e estava arrumado para um canto das vastas arrecadações da secular instituïção. Rôta a tela em alguns pontos, manchado

---

(1) A. Aurélio da Costa Ferreira, *Domingos António de Sequeira e a Casa Pia,* p. 9.

(2) Cfr. Teixeira de Carvalho, *obra citada,* carta de Sequeira, a p. 150.

ou deteriorado o verniz, o quadro, que tem o n.º 201 do Catálogo, foi a meu pedido beneficiado e colocado de novo em exposição.

S. João, bonito homem de barba negra bipartida, ajoelhado, as mãos unidas, os punhos presos por algemas a correntes, espera o golpe do carrasco, um bruto teatralmente violento que, de torso descoberto, calções azuis curtos, e aljava ao lado, lhe agarra o cabelo com a mão esquerda, preparando-se para a execução. Através uma janela gradeada, que fica à sestra, distinguem-se a cabeça de um velho, e vagamente uma outra figura. Sôbre as lages do chão o Santo deixou caír a bandeirinha e no seu rosto de perfil irrepreensível, adocicado à fôrça de finura, não há senão o desejo *de não se descompor*. A carne do carrasco é afogueada, atijolada como a de muitas das figuras do quadro *Alegoria à Fundação da Casa Pia*. É bem uma obra da maneira de Sequeira na época. (Fig. 7). Mede a tela 0,73 de alto, por 0,545 de largo.

Fig. 7.—A DEGOLAÇÃO DE S. JOÃO BAPTISTA

Quadro oferecido por Sequeira à Academia de S. Lucas de Roma

(Na mesma Academia).

A ENCOMENDA DO «INTENDENTE»

Uma das cartas de José Pereira Santiago para o Guarda-Jóias de D. Maria I, datada de 3 de Abril de 1793 (1), insere o seguinte parágrafo:

«Falo repetidas vezes com Dom.os Ant.o de Sequeira, que se acha pintando em hum salão desta Casa os dois quadros g.des hum para a nossa Corte, e o outro para o S.r Intendente Geral:»

E mais adiante, outra carta do próprio Sequeira para o mesmo, e essa já de 3 de Janeiro de 1794 (2), confirma:

«... o quadro dapariçam me faltavam pocos dias acabalo, mas q̃ devia acabar otro quadro grande para o Snr. Intendente o qual mo encomendou no tempo q̃ eu estava em portugal.»

---

(1) Teixeira de Carvalho, *obra citada*, p. 144.
(2) Idem, *ibidem*, p. 160.

Foi estribado no conhecimento dessas cartas que o Dr. Teixeira de Garvalho pulverizou a lenda, que por Sequeira se haver retratado no grande quadro da « Alegoria à Fundação da Casa Pia », se formara de haver o pintor sido um dos subsidiados do Intendente, em Roma.

Sequeira nunca pertenceu à Casa Pia, e se de facto frequentou as aulas do Colégio Português, e se aproveitou por vezes das suas salas, fê-lo como Vieira Portuense, independentemente, sem subordinação a Rossi ou ao Padre Gregório Pereira, Director e Ecónomo do estabelecimento. Um documento que publicarei no trabalho em ordenação: *Artistas Portugueses em Itália,* o demonstrará cabalmente, confirmando a suposição, que clarividentemente, o Dr. Costa Ferreira aventara (1).

Outro documento que encontrei entre os papéis chamuscados do Arquivo da Legação, ministra novas informações acêrca dêsse quadro. É um recibo, subscrito pelo P.e Gregório Pereira e por Sequeira, cujo texto transcrevo:

« Sig.ri Sculthеis e Pappiani si compiacerano pagare al

---

(1) A. Aurélio da Costa Ferreira, *Domingos Antonio de Sequeira e a Casa Pia*, p. 9; Cfr. José de Figueiredo, *Sequeira, Manique e o Pintor Brasileiro Manuel Dias*. Supl. art. da *Atlântida,* n.º 44-45.

Sig.r Dom.co Ant.o Siqueira scudi ottanta... per rimb.o di spese del Quadro che Lavora per... Illmo Sig.r Intendente Gen.le della Polizia di S. M. F.

Roma li 5 nov.b 1792. (a.) *Gregorio Pietro Cav. Pereira.* 80 Scudi.

Ho ric.te li scudi ottanta per impiegarli nelli studi per li quadri commessimi da S. E. il Sig.r Manique Intend.e Gn.le della Polizia... 8 nov.e 1792. (a.) *Domenico Antonio de Sequeira.* »

Por êste recibo em que o padre se refere a *quadro,* e o artista a *quadros,* se fica sabendo que Sequeira já tinha começado, em Novembro de 1792, a *Alegoria* que só terminou em 1794 (1).

Apezar de ser executado na maneira davidiana atenuada, que o pintor absorvera com as lições de seu mestre Cavalluci, êsse quadro tem grandeza, admiráveis proporções anatómicas e cromáticas. ¡Mas quão longe se encontra Sequeira das suas fases de 1820 e de 1830!

Roma, nesta primeira época, dá-nos um Sequeira bom retratista, bom colorista, compondo e armando um quadro segundo os preceitos neo-clássicos, as

---

(1) Informam-me que recentemente apareceram algumas cartas dirigidas por Sequeira ao Intendente. Certamente essas confirmarão as ilações que os documentos nos permitiram, ao Dr. Teixeira de Carvalho e a mim, tirar acêrca das relações entre o polícia e o artista.

figuras severas, o andamento geral compassado e grave, talvez um pouco frio. Essa maneira prolonga-se algum tempo depois do regresso do artista a Lisboa.

¿Sob que influências modificou Sequeira o seu estilo? Só um estudo realizado sôbre grande cópia de originais do pintor poderá conduzir a uma solução definitiva dêste problema. E, infelizmente, tal estudo parece-me bem longe ainda de uma realização...

SEGUNDA ÉPOCA

1826-1837

ESTABELECIMENTO DEFINITIVO EM ROMA

O livro do sr. Dr. Luís Xavier da Costa, recentemente publicado: — *A morte de Camões. Quadro do pintor Domingos António de Sequeira* (Lisboa, 1922), vem, com a divulgação de parte da preciosa correspondência de Sequeira para o cunhado, João Baptista Verde, elucidar sôbre a data precisa da sua segunda permanência na capital do mundo antigo.

Antes de se estabelecer definitivamente em Roma, o pintor quis fazer à *urbs maxima* uma visita preliminar, havendo partido de Paris em fins de Julho de 1825 (1), e regressando à mesma cidade dez meses depois, em 26 de Maio de 1826 (2). Nessa excursão, realizada a fim de «procurar o lucal que me seja mais conviniente para a minha saude, e estado da

---

(1) Luís Xavier da Costa. *Obra citada*, pág. 231.

(2) Idem *Ibidem*.

minha querida filha», como escreve ao cunhado em carta de 18 de Janeiro de 1825 (1), e certamente também para sondar o terreno, reatar antigas relações, e auscultar as disposições da colónia portuguesa e respectivos magnates, a seu respeito, foi acompanhado por Pedro de Sousa, antigo amigo da família e que com o artista convivia já desde algum tempo atrás, em Paris (2).

A atmosfera de Roma pareceu-lhe, sob o próprio ponto de vista social e político, favorável. Do embaixador, Conde de Funchal recolhera a encomenda de um retrato do rei. No encarregado de negócios, Migueis de Carvalho reconhecera íntimas afinidades políticas.

E, para mais, com a morte de D. João VI, sucedida em 10 de de Março, e conhecida em Roma nos primeiros dias de Abril (3) antevia um maior

---

(1) Luís Xavier da Costa. *Obra citada*, pág. 242.

(2) Idem. *Ibidem*, págs. 231, 242, 244.

(3) *Correspondencia de Carlos Mathias, Grehon, Funchal* e *Migueis de Carvalho, de 1822 a 1826, para diversos* (Arq. da Leg.). Para João Gerardo de Rossi:

«Havendo Deus Nosso Senhor sido servido chamar á sua santa gloria, no dia 10 de Março, pelas 4 horas e 40 minutos da tarde, Sua Magestade o Senhor D. João VI, Imperador do Brazil e Rei de Portugal e dos Algarves, cumpre-me annunciar a V. S. hum tão infausto sucesso, acrescentando para sua intelligencia que em demonstração

desafogo (1) pela subida ao poder, com D. Pedro, dos liberais com quem simpatizava e entre os quais contava as suas melhores relações.

Resolveu, portanto seguir com brevidade.

A carta que em 26 de Julho o pintor envia para a rua do Arsenal, a Verde, indica os fins de Agôsto como data provável da partida para Roma. Mas afinal só veiu a seguir em 26 de Setembro, havendo chegado à capital dos Estados Pontifícios no primeiro de Novembro (2) e indo instalar-se na *Via dé Condutti, 56.*

Eis de novo em Itália, e desta vez para nunca mais a deixar, o grande pintor. E se eu escrevera no período romântico me deteria aqui meditando um momento no destino dêste génio obrigado a expatriar-se, considerando a atracção exercida pela cidade eterna, centro dos seus primeiros triunfos,

---

do justo sentimento pela morte do melhor dos Soberanos, a Real Família, assim como toda a Corte e Empregados tomam lucto por tempo de hum anno, seis meses rigoroso, e seis meses aliviado. D. G. a V. S.ª Roma em 3 de Abril de 1826 (a.) *Conde de Funchal.*

(1) Luís Xavier da Costa. *Obra citada.* Fac-símile da carta frente a pág. 238:

« Agora já pode escrever livremente, fugio o Papão que fazia medo athe aos mais afoitos. Viva o Grande Imperador e Rei de Portugal. Viva a Nova Constituição...»

(2) Luís Xavier da Costa. *Obra citada,* pág. 134.

sôbre o espírito do artista chegado a um período da vida em que a necessidade imperiosa de repouso se faz sentir em tôdas as condições humanas...

O RETRATO DE D. JOÃO VI

O primeiro problema de arte com que deparamos ao iniciar esta resenha de informações concernentes à segunda época da vida de Sequeira em Itália, é o do retrato de D. João VI.

Na carta datada de 20 de Março de 1846, que o genro do artista, Migueis de Carvalho, dirigiu ao Conde de Lavradio e que Raczynski incompletamente extractou e publicou (1) encontra-se a seguinte, importantíssima, informação : « — permaneceu (em Paris) até 26 de Setembro de 1826 — neste intervalo veiu a Roma, aonde esteve seis mezes, e pintou o Retrato d'El-Rei o Senhor D. João 6.º ao natural, que se acha no Estabelecimento de Santo Antonio » (2).

Conhecedor dessa passagem, não se esqueceu

---

(1) *Dictionnaire,* págs. 268-269.

(2) Cf. Luís Xavier da Costa. *Obra citada,* pág. 134.

o sr. Dr. Xavier da Costa, antes da minha recente viagem à Itália, de me incitar a que procurasse o retrato mencionado. E porque me parece que tive a felicidade de o encontrar, e juntamente descobrir uma série de documentos que lhe respeitam, espero deixar esclarecido êste assunto.

Não se pense porém que o descobrimento se fez tão fàcilmente como o dos quadros da família Pereira Santiago. Por circunstâncias várias, a busca da obra de arte e dos documentos foi morosa e fatigante, conseguindo eu sòmente reünir os elementos que apresento, nos últimos tempos da minha estada êste ano, em Roma.

Apesar da clara indicação da carta em nenhuma sala de Santo António dos Portugueses se encontrava o personagem. Quási desesperei de o achar.

Como último remédio me enviou o Dr. Emídio Garcia, ilustre administrador do Instituto, para uma arrecadação onde guardava algumas telas que por falta de espaço ou de molduras ali se conservavam convenientemente acondicionadas. Eram retratos de reis, rebotalhos de uma daquelas séries icónicas dos monarcas portugueses que nos séculos XVII e XVIII foi de uso encomendar a pintores de pincel duro e ferina tenacidade, séries que fraternamente poderemos colocar ao lado das galerias de luminares das

Ordens e bemfeitores das Misericórdias, sem excluir da lista os reitores da Universidade e os presidentes da Associação dos Arqueólogos.

Ora entre êsses pretextos de indumentária havia a figura de um homem, e êsse homem estava representado com alguns dos atributos com que os reis portugueses se decoravam. Mas a figura não me despertava a reminiscência de nenhum monarca dos que tomaram em suas mãos robustas ou frágeis, benéficas ou sceleradas o scetro português. Parecia antes tratar-se de um general, o bicorne sobraçado, as mãos apoiadas sôbre os copos de uma espada, copos grosseiros de uma arma de guerra, que não de um espadim de parada. De modo que me levou tempo a reconhecer nesse retrato terrivelmente realista, o bonacheirão João VI dos quadros de Pellegrini.

Se eu nunca vira um retrato como aquele! Se eu não conhecia a litografia de Gianni. ¡E podia lá nunca supor que se representasse D. João VI apoiado sôbre uma espada de combate!

Aquele é bem, se a frase se lhe refere, o « Papão que fazia mêdo athe aos mais afoitos » tal como Sequeira o vira ao sair de Portugal. E apesar disso êste é o menos ridículo dos retratos do monarca. O tronco, cingido no uniforme, aparece regular, sem

a protuberância habitual do ventre, a papeira, sob as faces, enterra-se, disfarçando-se, na gola alta da casaca, os acessórios ajudam a tornar grave e severo o conjunto.

Mede a tela, que é de trama fina e nenhuma assinatura ou indicação apresenta, 0,74 de alto por 0,63 de largo e embora em bom estado de conservação mostra a pintura um pouco escovada, a espaços.

Representa o rei em meio corpo, voltado à esquerda, a três quartos. Figura forte, mas não demasiadamente, e sem sinal de ventre. A mão esquerda apoia-se com fôrça sôbre a direita, que por seu turno descança na espada. O monarca veste casaca azul-anegrado, de gola alta, como general. Dragonas bordadas a ouro e um ramo ondeante do mesmo metal, na gola. Idêntico ornato no punho da manga direita, a única que se avista. Encostado ao corpo, sobraçado sob o sovaco esquerdo, o chapéu debruado de ouro e emplumado de branco. Aspam-lhe o peito duas bandas: uma descendo à esquerda, com as côres branca, verde, vermelha, rôxa e azul pálido — a das Ordens; outra à direita terminando em laço largo azul em dois tons. Sôbre a faixa das Ordens, a insígnia do tosão de ouro, nítida e discreta.

A máscara surge da gola em desenho e colorido de uma energia e verdade notáveis. É a face de um homem passante dos cincoenta, cabelo fino levantado para o alto e para trás, encaracolando larga e naturalmente, a orelha esquerda tapada, na parte superior, pela cabeleira e pela patilha em cutelo que lhe desce até ao rebôrdo inferior do papo sub--orbital direito. Tem a fronte regular, um tudo-nada frazida, as sobrancelhas arqueadas em S tombado, os olhos castanho-claros, o nariz longo, afilado e descido, a boca de lábios espessos nìtidamente cortados, o queixo pequeno prolongado por uma papeira enorme de que as abas da gola evitam que se distinga a continuação lateral.

O tom da carne, tanto nas mãos papudas como na face alva, é dado com precisão, sem exagêro, destacando com sobriedade do fundo *gris* da tela, aquele *gris* tão característico do fundo de alguns retratos do mestre (v. g. o do *Conde de Farrobo*, e o da filha *D. Mariana*, ambos no Museu de Arte Antiga).

Estou convencido de que êste é, embora não esteja datado nem assinado, o retrato de D. João VI, que Sequeira pintou. (Fig. 11).

Pensei um momento que os sete estudos desenhados nas costas de um *memorandum* do artista, datado de Outubro de 1825, que o sr. Dr. Xavier

da Costa reproduz (1), fôssem os esboços do retrato de D. João VI que o pintor ia executar para Roma. Mas o exame da figura dêsses bosquejos, revestida de manto, alta, nervosa e jóvem, não se coaduna, a meu ver, com tal hipótese.

De resto um retrato de grandes dimensões como deveria ser o que Sequeira teria pintado se seguisse êsses esquissos, não desaparece nem se perde fàcilmente...

Os documentos concernentes ao quadro, que recolhi no Arquivo da Legação, provam-nos que, ao contrário da informação de Migueis, embora o retrato tivesse sido encomendado, e talvez começado no ano de 1825, só no fim de 1826 êle estava acabado, valendo a demora na execução, a Sequeira, uma admoestação oficial de seu futuro genro.

Segue a documentação:

« O Snr. João Gerardo de Rossi fará favor d'entregar ao Snr. Domingos Antonio de Sequeira duzentos e outo Escudos Romanos (208) importancia de despezas feitas com o Retrato de S. M. I. e R. que Deus ha em sua Santa Gloria. Roma em 6 d'Abril de 1826. (a) *Conde de Funchal* ».

(Da *Corresp. de Carlos Mathias, Grehon, Funchal e Migueis de Carvalho, de 1822 a 1826, para diversos, fl. 164 v.º n.º 6. Desp.as Extraordinarias).*

---

(1) *Obra citada,* verso da fôlha em frente a pág. 128.

Para o Sr. Conde de Pôrto Santo:

« Ill.mo e Ex.mo Snr. = Recebi pelo Correio de Hespanha, que acaba de chegar, o Despacho de V. Ex.a n.o 30 com a data de 27 de Maio ultimo, e fico na inteligencia de haverem sido approvadas as contas do antecedente quartel, que o Governo Deseja saber por que motivo foi càrregada na Folha d'aquelle quartel a despeza feita pelo Pintor Sequeira com o Retrato de S. Mag.e que Deus Ha em Gloria,

« A este respeito cumpre-me dizer a V. Ex.a que sendo de estilo, como V. Ex.a sabe, haver na Caza de residencia dos Embaixadores huma Sala com Docel que cobre o Retrato do respectivo Soberano, como aqui se observa nas Cazas do Embaixador de França e do da Austria; pareceu-me necessario comprar veludo para o Docel e mandar fazer o retrato de S. Mag.e aproveitando o offerecimento do Pintor Sequeira que aqui se achava.

« A despeza com o veludo carreguei na Folha do ultimo quartel do anno passado que foi approvada, assim como o foi a despesa preliminar do retrato, que V. Ex.a observará n'aquella mesma Folha no artigo de Despesas extraordinarias do mez de Dezembro ultimo.

« Vista pois a necessidade, que deixo ponderada, desta despesa, e terem sido approvados os artigos que lhe dizem respeito, não se me offereceu duvida alguma em carregar na Folha do ultimo quartel os 208 Escudos Romanos, que o Pintor Sequeira me deu em conta como despendidos em tintas e outros objectos.

« Espero pois que V. Ex.a achando ajustado o que exponho, se sirva dizer-me se o retrato deve ou não mandar-se terminar, por que o Pintor Sequeira adoeceu, e

promette de voltar aqui para o mez de Outubro proximo futuro... Roma, em 21 de Junho de 1826 (a.) *Conde de Funchal* ».

(Da Corresp. para o Ministerio dos Negocios Estrangeiros, em Lisboa, desde 19 de Junho de 1824 até 2 de Abril de 1828, — Oficio n.º 82, p. 233).

« P.ª Dom.s Antonio de Sequeira

« O Snr. Embaixador tendo resolvido fazer terminar o Retrato de S. M. O Snr. D. João 6.º que Deus Haja em sua Santa Gloria, me determina communique á V. M.ce esta resolução. Como porêm seja este hum negocio em que entra a Côrte, cumpre ajusta-lo com toda a clareza e por isso S. Ex.ª me determina outro-sim que peça a V. M.ce que declare o preço porque poderá dar prompto o ditto Retrato comprehendido o seu trabalho, moldura, e qualquer outra despesa por minima que seja, até que o quadro acabado for posto a disposição de S. Ex.ª, e o tempo preciso em que se obriga a acabalo, o qual tempo não deve ser muito longo afim de poder o retrato occupar já o seu lugar nas reunioens do inverno proximo. A demora que tem havido na conclusão desta obra, que V. M.ce tinha promettido por carta a S. Ex.ª de dar acabada no fim do anno passado tem-lhe feito perder muita parte do seu merecimento, e a que poderia ainda haver, se fosse grande, chegaria mesmo a absorver a outra parte, ao menos quanto ao fim para que se mandou fazer.

« Para precaver pois este inconveniente, que d'alguma sorte poderia desgostar a Côrte, e em consequencia comprometter V. Ex.ª tenho ordem em 3.º lugar de exigir que V. M.ce para garantia da execução da promessa de acabar o retrato na epoca que se fixar, declare que não terá direito de receber quantia alguma se o Retrato não

estiver prompto no tempo ajustado entre V. M.ce e mim, com a approvação de S. Ex.a

«Quando se negoceia para hum terceiro, especialmente para uma Corte, deve acautelar-se tudo em ordem a premunir-se o negociador contra as imputaçoens que podem sobrevir, e portanto V. M.ce não estranhará certamente que S. Ex.a seja tam exacto e miudo em hum negocio que não he seu, mas sim da Corte e no qual V. M.ce foi preferido tanto pelo seu grande merito, como por ser Portuguez, e Pintor da Camara de S. Magestade.

«Deus Guarde a V. M.ce Roma em 7 de Outubro de 1826. (a.) *J. P. de Migueis de Carvalho.*

(Da *Corresp. de Carlos Mathias, Grehon, Funchal e Migueis de Carvalho, de 1822 a 1826, para diversos, p. 180).*

«Retrato de S. Magestade.

«N.º 16. O Snr. J. G. de Rossi fará o favor d'entregar a Camillo Palmieri, portador desta, seis centos e sessenta cinco Esc.s Rom.s e dez Baiocos (665$10) para pagamento do Retrato de S. M. I. e Real, q̃ D.s Haja em Gloria, e da respectiva moldura. Roma em 11 de Janeiro de 1827. (a) *Conde de Funchal*».

(Da *Corresp. de Carlos Mathias, Grehon, Funchal e Migueis de Carvalho, de 1822 a 1826, para diversos, p. 191).*

«Para o Snr. D. Franc.º d'Almeida

«Ill.mo e Ex.mo Snr. = Com este Officio tenho a honra de transmittir a V. Ex.a a Folha, e Documentos das Despesas de Secretaria d'esta Embaixada, feitas no 4.º Trimestre do anno p. p. e a Conta Corrente respectiva, a qual mostra hum Deficit de 905 Esc.s Romanos e 66½ baiocos, proveniente, como V. Ex.a observerá, não só do

pagamento feito ao Pintor Sequeira pelo Retrato de S. M. I. e Real, que D.s Haja em Gloria, por V. Ex.a mandado continuar; mas tambem das mesadas subministradas aos dous alumnos de Pintura.

«Repetindo as minhas supplicas para que V. Ex.a se sirva de providenciar a cerca dos Alumnos, não posso deixar de rogar a V. Ex.a que haja por bem expedir as ordens para o pagamento do ditto Deficit; porquanto nas minhas actuaes circunstancias não me he indefferente o desembolço da sua importancia, como V. Ex.a bem pode prever. D.s g. a V. Ex.a Roma 13 de Janeiro de 1827 (a.) *Conde de Funchal.*»

(Da *Corresp. para o Ministerio dos Negocios Estrangeiros em Lisboa. Desde 19 de Junho de 1824 até 2 de Abril de 1828, p. 298. Oficio n.º 10.*

O ríspido ofício de João Pedro Migueis de Carvalho, dirigido a Sequeira em 7 de Outubro de 1826 lança talvez um pouco de confusão nas datas estabelecidas da saída do pintor de Paris e da chegada a Roma (26 de Setembro e 1 de Novembro), a não ser que lhe tivesse sido enviado para Paris, na ignorância de que já houvesse saído dessa cidade. ¿Quem diria a Carvalho que um ano depois se acharia casado com a filha do homem a quem por conta própria ou alheia tão severamente chamava à ordem?

De facto, Migueis consorciava-se em 27 de Outubro de 1827, após prévia autorização da Regente, com D. Mariana Benedita Vitória de Sequeira, então

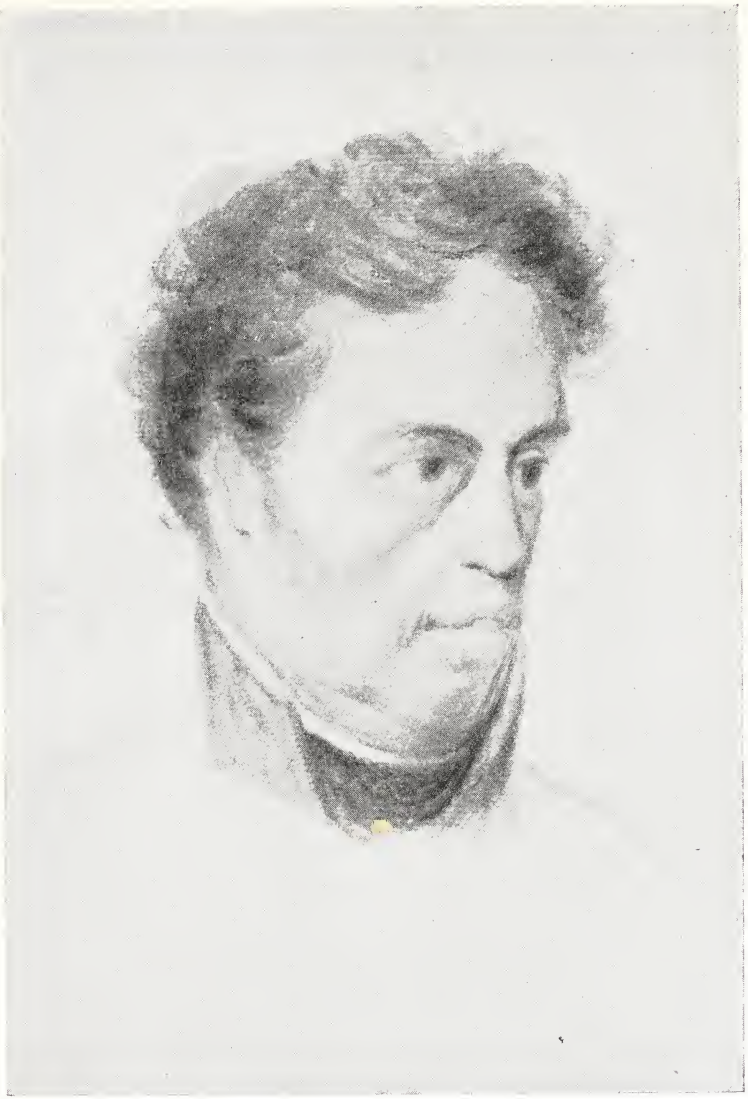

Fig. 8.—D. JOÃO VI
Desenho a carvão, de Sequeira
(*Pertence ao Prof. Luciano Freire*).

de 15 anos e 8 meses, pois nascera em 7 de Fevereiro de 1812. Um ofício de Novembro de 1827, que trancrevo em parte, refere-se a êsse acto:

«Para o Sr. Candido José Xavier... Termino este officio participando a V. Ex.ª que em virtude da permissão de S. A. a S. Snra Infanta Regente, que V. Ex.ª se dignou comunicar-me pelo seu despacho de 25 de Septembro ultimo, me acho casado com D. Marianna Benedicta Victoria de Sequeira. D.s g.e a V. Ex.ª m.s an.s Roma em 24 de Novembro de 1827 (a.) *J. P. Migueis de Carvalho*».

(Da *Corresp. para o M.º dos N. E. em Lisboa, desde 1824 a 1828. Oficio n.º 127*).

Como complemento destas informações acêrca do retrato de D. João VI que está em Santo António dos Portugueses, julgo conveniente publicar um esboceto da figura do monarca, tirado por Sequeira certamente nos últimos tempos que permaneceu em Lisboa, e bem assim uma litografia executada por um pintor italiano, em Paris, sôbre outro retrato do soberano. Ambos explicam e autenticam o retrato de Roma.

O primeiro, desenhado sôbre uma fôlha de papel com 0,275 de alto por 0,199 de largo, pertence ao ilustre professor e pintor Luciano Freire, que amàvelmente me permitiu que o reproduzisse neste livrinho. Tem nas costas, escrita a lápis, a seguinte informação: «Este desenho foi comprado no leilão

do Marquês de Souza Holstein em 29 Dez^bro^ 1879 e é de Sequeira». E em baixo, carimbado, o nome do antigo possuïdor *M. S. Romão.* (Fig. 8).

O segundo é a litografia que o pintor de história Joseph Gianni, antigo pintor da côrte do rei de Nápoles, executou certamente sôbre um desenho de Sequeira no período de Paris. O desenho tem as dimensões 0,306 por 0,201, e logo por baixo da figura do monarca, à esquerda *Gianni Lithog;* e à direita *Lith de C. Constans.* O título geral é: *Dom João VI. Rey do Reino Unido de Portugal, do Brazil e dos Algarves.*

O exemplar que reproduzo e me pertence, é igual ao que o sr. Dr. Xavier da Costa descreve no seu livro. Dêsse retrato é que Possidónio da Silva dizia a Raczynski ser «o unico parecido que conhecia do soberano...» (1) (Fig. 10).

*

No próprio momento em que me chegavam, paginadas, as provas das primeiras fôlhas dêste livrinho, quis o acaso — que é ainda, como pensava o Dr. Teixeira de Carvalho, o mais fiel companheiro

(1) L. Xavier da Costa. *Obra citada.* pág. 176.

Fig. 9. — D. JOÃO VI

Reprodução de um desenho a lapis, preparo da litografia de Gianni.
Altura do desenho : 0,12

(Da colecção do autor).

dos que têm vontade de achar —, que se me deparasse ocasião de adquirir, entre vária outra papelada, dois retratos de D. João VI. Um dêles péssima cópia, a carvão, parecendo o desenho preparatório de uma litografia ordinária; outro, original, que creio ser um autêntico preparo da bela litografia de Gianni, acima citada.

Simplesmente, da figura representada no trabalho do pintor ceranense, o meu desenho apenas mostra a cabeça do monarca (Fig. 9). É do mesmo tamanho, perfeitamente igual, mas feito com uma finura de traço e pontuação que a litografia, apesar de muito perfeita, não consegue reproduzir integralmente.

Será então esta cabeça obra de Sequeira?

Porque não? Uma cópia da litografia de Gianni, não é, porque é melhor do que ela. Logo há de ser, fatalmente, um dos desenhos preparatórios da mesma. E estando provado que Gianni litografou originais de Sequeira, não vejo razão forte que iniba o meu desenho de ter sido executado pelo pintor português.

Foi muito copiado êste retrato litografado de D. João VI... É certo. Mas repiso: nenhuma cópia saiu, nem poderia sair tão perfeita como êste desenho que adquiri. Digo-o com o sereno convenci-

mento do homem que nos seus estudos apenas procura a verdade.

Admitido pois que a cabeça que reproduzo na figura 9 é um desenho prototípico da que se vê na litografia — o simples confronto das duas espécies o demonstra —, ou teremos de admitir que Sequeira, além dêste desenho executou outro com o monarca em meio corpo, ou que o autor da litografia completou a cabeça que o artista português realizara.

Seja como fôr, as quatro reproduções joaninas que apresento (Figs. n.º 8, 9, 10 e 11), todas inéditas, vem aumentar a série icónica do monarca, de que tantos retratos — e o maior número de Sequeira — são conhecidos.

Numerosas são também as gravuras e as litografias que representam D. João VI. Na colecção da Biblioteca Nacional, aliás incompleta, contei 43.

Êsses retratos, gravuras ou litografias, obedecem a 3 tipos principais, bem definidos. A saber: D. João, príncipe do Brasil: D. João segundo o retrato de Pelegrini; D. João segundo os retratos de Sequeira.

Do primeiro tipo em que D. João, ainda *Monsieur du Brésil,* como lhe chamava o general Lannes na sua grossa graça soldadesca, nos aparece a face jóvem e gôrda diademada pela cabeleira Luís XVI, de manto, a mão na anca, o ar convictamente

Fig. 10. — D. JOÃO VI
Desenho de Sequeira. — Litografia de Gianni. — Paris, 1825
(*Da colecção do autor*).

Rei Sol, há diversas gravuras. Uma desenhada por Silva, gravada por Fróis; outra desenhada e gravada pelo último; mais outra desenhada por Silva e gravada por Queirós em 1792; outra ainda, de Jerónimo de Barros, gravada por Queirós no mesmo ano de 1792.

Do segundo tipo são muitas e variadas as espécies a relacionar. Desenhos e gravuras de Manuel Marques Aguilar, em 1806 e 1807; desenho de Mesquita e gravura de Quinto, em 1817; gravura de Almeida em 1818; estampinha de Godinho; medalhão de Queirós, em 1815, etc. Além destas, a série de que me servi para caracterizar êste tipo, constituída pelas gravuras feitas sôbre o retrato de Pelegrini, assinadas *D. Pelegrini pinxit — J. Godby sculpt* e *D. Pelegrini pinxit — F. Bartolozzi sculpsit* (vários formatos e modelos).

Do terceiro tipo (período 1820-1826) as gravuras e litografias mostram-nos todas uma figura real bem diferente da dos tipos anteriores, e que certamente se vulgarizou com a voga obtida pelos retratos de Sequeira, copiados ou aproveitados. É a gravura que tem o título *Dom João VI 1.º Rei Constitucional;* são as litografias da *Officina R. Lithographica,* uma das quais, datada e assinada *Sendim f. 1825 Lisboa, Lithographia Regia.*

A PENSÃO DE SEQUEIRA

Daria um curioso capítulo da vida do pintor, a história das pensões que recebeu e conservou até morrer, embora ausente de Portugal.

Apenas chegado da cidade eterna, o príncipe regente, «em attenção ao distincto merecimento que adquiriu em Roma na arte de pintura de que tem dado distinctas provas» (1) concedeu-lhe uma pensão de 60 moedas e casas pagas, sem prejuízo de remuneração adequada por cada um dos quadros que fôsse pintando.

Dêsse ordenado e do produto do seu trabalho, então bastante procurado, viveu, excluindo o período que passou em Laveiras, até que D. Rodrigo de Sousa Coutinho lhe obteve a nomeação, por decreto de 28 de Junho de 1802, de «primeiro pintor de Camara e Côrte», com o vencimento de 2.000$

(1) Marquês de Sousa Holstein. *Artes e Letras*. 3.ª série pág. 106.

anuais, acrescidos à pensão que já tinha, e sendo obrigado agora a dirigir, e executar, com o seu colega Francisco Vieira Portuense, as pinturas do novo Paço da Ajuda (1).

Nomeavam-no, a seguir, mestre do desenho dos Infantes. O lugar nada rendia, mas dava direito a sege (2), o que no tempo era uma honraria muito desejada.

Por decreto de 12 de Janeiro de 1805 foi-lhe concedido o hábito de Cristo, e por alvará de 28 do mesmo mês, a tença respectiva de 12$000 (3). Crescia o monte.

---

(1) Volkmar Machado. *Collecção de Memorias*. 2.ª edição, pág. 119.

(2) *Artes e Letras*. 3.ª série, pág. 152.

(3) Sousa Holstein. *Artes e Letras*. 3.ª série, pág. 152.

« Attendendo ao que me reprezentou Domingos Antonio de Sequeira: Hey por bem Dispensar nas Provanças e Habilitações de sua Pessoa, e havê-lo por habilitado para receber o Habito da Ordem de Christo, de que lhe fiz mercê, dispensando-o outrosim da appresentação de qualquer certidoens, e Folhas corridas, que devesse ajuntar; e para que na Igreja de Nossa Senhora da Luz, extra muros da cidade de Lisboa, possa receber, e logo professar o mesmo Habito, sem embargo dos Estatutos, e Definiçoens da mesma Ordem em contrario. A meza da Consciencia e Ordens o tenha assim entendido, e lhe mande passar os despachos necessarios, Palacio de Queluz em doze de Janeiro de mil oitocentos e cinco ».

No verso: Visto haver S. A R. por Decreto de 12 do Cor.te despdo a Domingos Antonio de Sequeira das provansas e hab.es a que se deveria proceder p.a receber e professar o Abito de C.to na conformidade e em execução do mesmo Decreto o hão por hab.o e mandão se lhe

Uma carta régia de 8 de Maio do mesmo ano nomeia-o Director da aula de desenho e pintura da «Academia de Marinha e Comercio», do Pôrto, com 600$000 anuais pagos pela Companhia de Agricultura (1). Apesar de ir à cidade do Douro passar alguns escassos meses cada ano, percebe integralmente essa importância.

Chegam os duros tempos da invasão primeiro, da guerra depois.

Seguindo o exemplo patriótico dos funcionários públicos, Sequeira cede quanto recebe do real bolsinho, e do seu ordenado um conto de réis, reservando, para a sua subsistência, outro conto e os 600$000 da Academia do Pôrto (2).

Vem depois a sua prisão, o esquecimento, o fabrico da baixela, as lutas políticas, Gomes Freire imolado às paixões sectárias e às conveniências dos ingleses e dos ultras, a Revolução de Vinte. Períodos em que seria necessário verificar se integralmente lhe haviam sido mantidos os vencimentos, o que eu não tenho tempo de fazer agora.

---

passe C.am em forma. Meza 18 de Jan.º de 1805. *Por Portaria do Conde de Villa Verde de 15 de Janeiro de 1805.* (*T.* do *T. Habilitações da O. de C.to M. 10, N.º 20).*

(1) *Artes e Letras.* 3.ª série, pág. 152.

(2) *Idem.* 3.ª série, pág. 169.

A publicação, pelo sr. Dr. Xavier da Costa, da transcrição dos discursos proferidos nas câmaras, acêrca do ordenado de Sequeira (1) elucida-nos sôbre a redução que no orçamento de 1823 êsse ordenado sofreu, dos dois contos propostos, para 1.600$000, havendo para tanto poder vencer, sido considerado professor de Belas Artes e empregado nas obras públicas à disposição do govêrno, e não já sòmente pintor de câmara de S. M.

Como se passou dêsse ordenado para os 533$328 rs. de que os documentos a seguir nos falam, ignoro-o. Mas os ofícios de João Pedro Migueis de Carvalho que vão ler-se, são bem explícitos a êsse respeito. Sequeira após a sua partida para o estrangeiro deixara de receber a pensão, que lhe competia, de 400$000 anuais, e depois de 1823, «em que obteve licença para viajar por motivo de saúde, cobrava o seu Ordenado de 600$000 rs anuais pela Fôlha do Corpo Diplomático e Consular».

Êste último foi-lhe pago até Abril de 1831, reclamando Migueis em 1834, o pagamento do atrazado e a pensão desde 1824.

«Para o Snr. Agostinho Jozé Freire. Ill.mo e Ex.mo Snr. — Ainda que a Pensão de Domingos Antonio Sequeira

(1) *Obra citada*, pág. 192 e segs.

não esteja a cargo desta Legação, comtudo attendendo a que elle se acha, vai para dous annos quasi inteiramente privado do exercicio das suas faculdades intellectuaes, em consequencia de repetidos attaques apopleticos que tem padecido, e portanto impossibilitado a dirigir-se elle mesmo ao Governo de S. M. F.ma não duvidei assumir esta incumbencia de examinar a conta do que se lhe deve da sua Pensão de 400$000s por anno desde o quarto Quartel de 1824, até Junho do anno corrente inclusive, e de transmittir esta conta a V. Ex.cia para que si digne dar-lhe o destino que julgar conveniente.

«Por esta occasião, e pelos motivos acima referidos V. Ex.cia me permittira que eu tome a liberdade de lhe reprezentar por parte d'aquelle Individuo, que depois de 1823, em que obteve licença para viajar por motivos de saude, cobrava o seu Ordenado de 600$000 rs. annuaes pela Folha do Corpo Diplomatico, e Consular, e pela mesma Folha os Agentes do Governo Uzurpador lhe continuarão seu pagamento até Abril de 1831, inclusive, estando-se-lhe a dever até ao fim de Junho do anno corrente trez annos e hum mez ou R.s 1:850$000 — a razão de 600$000.rs por anno.

«Esta somma elle roga humildemente se lhe satisfaça, assim como que se lhe continue pella ditta Folha como anteriormente, o pagamento dos Ordenados que tem vencido e for vencendo no tempo que Deus ainda o conservar em vida.

«Deus Guarde a V.a Ex.cia m.s a.s Roma em 15 de Outubro de 1834. (a.) *João Pedro Migueis de Carvalho*».

(Da *Corresp. para os Negocios Estrangeiros em Lisboa, de Out. de 1834 a Agosto de 1837. Of. sem numero).*

«Ano de 1834. Sem numero. — Para o Snr. Conde de

Fig. 11. — D. JOÃO VI
Retrato a óleo
(*No Instituto Português de Roma*).

Villa Real. Illmo e Exmo Snr. — No meu officio sem numero, que dirigi em 15 d'Outubro ao Antecessor de V.ª Ex.^{cia} acompanhando a conta do que se deve a Domingos Antonio de Sequeira da sua Pensão de 400$000.^{rs} até Junho do corrente anno, e supplicando em nome d'aquelle Individuo, visto achar-se elle impossibilitado para o fazer de proprio punho, o pagamento dos seus ordenados atrazados, e que se lhe continuassem a fazer seus futuros vencimentos pela Folha do Corpo Diplomatico, e Consular, cometti hum erro quando escrevi que o seu ordenado era de 600$000.^{rs} annuaes, sendo o que effectivamente se lhe pagava pela dita Folha, segundo a ordem cuja copia tenho prezente, expedida pela Repartição do Thesouro Publico em 16 de Outubro de 1824, e dirigida a Alexandre Teixeira Sampaio, R.^{s} 44$444 por mez, ou R.^{s} 533$328 por ano. Em consequencia disto, importa, o que se deve ao dito Domingos Antonio de Sequeira dos seus ordenados desde Maio de 1831, em que cessaram seus pagamentos, até Junho do corrente inclusive em R.^{s} 1.644$428; e não em a Somma que naquelle Officio mencionei, e que agora corrijo.

Deus Guarde a V.ª Ex.ª m.^{s} a.^{s} Roma em 12 de Novembro de 1834 (a.) *J. P. Migueis de Carvalho* ».

« Ano de 1835. Of.º n.º 6. Para o Snr. Conde de Vila Real — ... Ficando na intelligencia do que V.ª Ex.ª me communica pelo 1.º Despacho relativamente a Pensão de Domingos Antonio Sequeira, permitta-me V.ª Ex.ª que supplique a sua intervenção para que lhe seja pago o seu ordenado, de que se acha privado desde Maio de 1831, e de que muito carece para occorrer a suas precisões, achando-se vai para dous annos quasi sempre confinado

em hum leito, e privado das faculdades intellectuaes, consequencia de hum ataque apopletico, que padeceo...

Roma em 31 de Janeiro de 1835. *J. P. Migueis de Carvalho*».

«Of.º N. 15. Para o Snr. Duque de Palmella — ... 16. Respondendo ao Despacho de V.ª Ex.ª N.º 2, cumpre-me agradecer a V. Ex.ª da parte de Domingos Antonio de Sequeira a recommendação de V. Ex.ª ao Snr. Ministro da Fazenda para lhe serem pagos os seus ordenados, o que o dito Domingos Antonio de Sequeira dezejaria muito se effeituasse em Londres, como anteriormente se praticava, se isso agora fosse possivel... Roma em 27 de Abril de 1835 (a.) *J. P. Migueis de Carvalho*».

«Ano de 1837. Of.º n.º 11. Para o Snr. Visconde de Sá da Bandeira. — Ill.mo e Ex.mo Snr. Transmittindo a V. Ex.ª o incluso Requerimento documentado em que minha Mulher D. Marianna Benedicta Victoria de Sequeira implora de S. M. alem d'aquella consideração de que a Mesma Augusta Senhora a julgar merecedora, a graça de ordenar que em nome d'ella se abra o assentamento da Pensão annual de 400$000.rs que lhe compete pelo fallecimento de seu Pai Dom.os Antonio de Sequeira, tomo a liberdade de rogar a V. Ex.ª todo o seu favor a bem do prompto, e feliz resultado da sobredita pretensão.

Deus Guarde a V. Ex.ª m.s as. Roma em 17 de Março de 1837 (a.) *J. Pedro Migueis de Carvalho*».

(Estes últimos 4 ofícios todos da *Corresp. para os Negocios Estrangeiros em Lisboa, de Out. de 1834 a Agosto de 1837*).

A MORTE DO ARTISTA

O ofício de João Pedro Migueis de Carvalho para Agostinho José Freire, de 15 de Outubro de 1834, que atrás transcrevi, afirma determinadamente que Sequeira se achava, ia «para dois annos quasi inteiramente privado do exercicio das suas faculdades intellectuaes, em consequencia de repetidos ataques apopleticos». Essa data conjuga-se bem com a de 24 de Junho de 1833, indicada como sendo aquela em que sofreu o primeiro insulto (1).

Da mesma doença devia morrer, e colhido de um novo ataque em 8 de Março de 1837, «passò placidamente di questo secolo, senza aver saputo i nuovi favori della sovrana sua, che con decreti dello scorso mese di febbraio innalzavalo alla dignità di commendatore dell'ordine di Cristo, e di direttore della R. Accademia di belle Arti di Lisbona», como se diz

(1) L. X. da Costa. *Obra citada*, pág. 133.

no seu elogio académico, proferido em sessão de 31 de Março do mesmo mês, na Academia de S. Lucas, em Roma.

Fica, com êste esclarecimento, resolvida a dúvida em que estavam os biógrafos (1), de ter Sequeira sim ou não tido conhecimento das homenagens que por intermédio da raínha, apresentava a nação ao grande artista caído no último abatimento físico e intelectual.

Faleceu o pintor na paróquia de S. Marcelo, naturalmente na casa de seu genro, (que então não era ainda o palácio Potensiani, onde pouco depois Migueis de Carvalho foi habitar), no dia 8 de Março, como reza o assento de óbito respectivo, sendo seu corpo sepultado no cemitério de S. Lorenzo Fuori Mura.

No ano de 1850, a 25 de Janeiro, foi o corpo transladado de S. Lourenço, para S. António dos Portugueses, onde se conservou dentro de uma caixa de chumbo até que a inundação do Tibre, de 28 de Dezembro de 1870, entulhou a cripta onde o sarcófago estava depositado.

Melhor que qualquer outra descrição, os documentos que seguem, que descobri e copiei durante a

---

(1) L. X. da Costa. *Obra citada*, pág. 135.

minha estada em Roma no verão de 1920, relacionarão quanto se prende com êsse triste assunto.

Do LIVRO EM QUE SE ACENTÃO OS DEFUNTOS QUE SE ENTERRÃO NESTA IGR.A E REAL HOSPITAL DE S. ANTONIO DA NAÇÃO PORTUGUESA DE ROMA — COMESSANDO NO ANNO 1693 (Fl. 29)

« No dia oito de Março de mil oitocentos e trinta sete falleceo na Parroquia de S. Marcello desta cidade de Roma de idade de sessenta e nove annos o Illustrissimo Snr. Commendador Domingos Antonio de Sequeira Portuguez nascido em Lisboa no dia dez de Março de mil setessentos e sessenta oito, membro mais antigo da Insigne Accademia de S. Lucas desta Capital, foi sepultado seo corpo no publico cemitério de S. Lorenço fora dos muros desta mesma Cidade, metido dentro de huma caixa de chumbo com a seguinte inscripção em idioma italiano = Commendatore Domenico Antonio di Sequeira Decano dell'Insigne Accademia di S. Luca nato in Lisbona li dieici marzo mile setecento sassanta otto, e morto in Roma li otto marzo mile ottocento tranta sete = do qual cemiterio com licença do Eminentissimo Snr. Cardial Vigario Patrizi foi tirado o dito corpo no dia vinte sinco de Janeiro de mil oitossentos e simcoenta e transportado para esta Real Igreja de Santo Antonio dos Portugueses aonde foi recebido pelas duas horas depois das Ave-Marias do sobredito dia vinte sinco de Janeiro, e tendo-se-lhe logo feito, o que ordena o Ritual Romano, foi immediatamente depositado no subterraneo desta dita Regia Igreja, isto he, no fim da escada que vai de sima da Igreja ao mesmo subterraneo da parte esquerda debaixo do primeiro arco, aonde já se achavão depositados os corpos de seos quatro netos filhos legitimos do Ill.mo e

Ex.mo Snr. Barão da Venda da Cruz João Pedro Migueis de Carvalho e Brito, Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario de Sua Magestade Fidelissima junto á Santa Sé, e de sua Esposa a Ill.ma e Ex.ma Snr.a Baroneza da Venda da Cruz, D. Marianna Benedita Victoria de Sequeira ambos portugueses, ficando unido, e junto aos mencionados seos quatro netos nascidos e fallescidos nesta mesma capital, e por ser tudo verdade fiz o prezente assento, que assignei, no dia vinte sinco de Janeiro de mil oitossentos e sincoenta (a.) *Antonio Braz de Sousa e Araujo. Reitor.* »

Dos quatro netos de Sequeira, mencionados no assento supra, encontrei no *Livro dos Defuntos* o registo de óbito de tres, Francisco Xavier, Afonso, e Antonio. Rezam assim os parágrafos respectivos:

« Aos nove dias do mez de Julho de 1843 pelas onze horas da noite no Palacio Potensiani freguezia dos Santos Apostolos falleseu *Francisco Xavier Pedro Paulo João Baptista de Jesus Maria José* de idade de quatro annos e dez dias, nascido em Roma aos vinte nove de Junho de 1839 e Baptizado na Igreja Parrochial de Sam Marcelo... » *(Livro citado, fl. 49).*

« Aos dezoito dias do mez de Novembro de mil oitocentos e quarenta e trez pelas seis horas e meia da manhã no Palacio Potensiani freguesia dos Santos Apostolos falleceu *Afonso Maria João Migueis* de idade de vinte e hum mezes e dez dias nascido no mesmo Palacio Poten-

siani aos oito de Janeiro de mil oitocentos e quarenta dois, Baptisado na Capella do sobredito Palacio pelo Parroco da asima dita freguezia dos Santos Apostolos, filho legitimos do Exmo Sr. Commendador João Pedro Migueis de Carvalho de Brito Ministro Plenipotenciario de Sua Magestade Fidelissima junto á Santa Sé e de sua esposa a Exma Snr. D. Mariana Benedicta Victoria de Sequeira...»

(Livro citado, fl. 10 v.º)

«Aos 16 dias do mez de Novembro de 1846 pelas nove horas e hum quarto da noite no Palacio Potensiani freguezia dos S.^{s} A.^{s} falleseu o Illmo Sn.^{r} *Antonio Felippe Migueis de Carvalho de Brito*, de idade de dezasseis annos e dois mezes e onze dias, tendo recebido todos os sacramentos e sendo nascido em Roma no dia 5 do mes de Setembro de 1830 e Baptizado na Parroquial Igreja dos Santos Vicente e Anastacio desta mesma cidade...»

(Livro citado, fl. 57)

Ao percorrer o livro dos assentos de óbito de Santo António dos Portugueses, saltaram-me ainda sob os olhos, os registos de mais dois filhos do Ministro, *Estanislao Luiz Maria Migueis,* de 3 meses e 18 dias, falecido em 3 de Outubro de 1850, e *D. Maria Jozé Ana Joana Francisca Domingas Vicença Rafaela Antonia Magdalena,* de 21 anos e 11 meses, nascida em Roma no dia 5 de Agôsto de 1828, e falecida a 5 de Julho do mesmo ano de 1850. No fundo da fôlha em que está lavrado

o assento desta última, lêem-se as seguintes indicações:

«... e deste modo foi tumulada no Subterraneo desta mencionada Regia Igreja de Santo Antonio dos Portugueses, isto he, debaixo da Capella de Santo Antão Abbade, unido e junto a outros quatro seus irmãos fallecidos igualmente no asima dito Palacio Potensiani, e a seu Avô Materno fallecido na Parroquia de S. Marcello desta cidade...» *(Livro citado, fl. 91 v.º)*

A fôlhas 92 e 92 v.º li os registos do Barão e da Baronesa, êste morto em 11 de Novembro de 1853, aquela a 17 de Fevereiro de 1856. Segundo o sr. Dr. Xavier da Costa informa no seu livro, de dezasseis filhos que tiveram, apenas lhes sobreviveram um varão e três meninas.

A fraca compleixão de D. Mariana, aquela débil menina de olhos negros e profundos que conhecemos do retrato a óleo e dos esboços a lápis do Museu de Arte Antiga, a pouca idade com que casou, e talvez a atmosfera dêsse terrível palácio Potensiani provocariam tal holocausto de vítimas inocentes. E ainda como seria possível às crianças resistir ao pêso de todos aqueles nomes, que com geito heráldico os pais lhe acomodavam sôbre os ombros, à nascença?

Segue agora o resto da tragêdia, segundo os dados

ministrados por um papel solto que encontrei dentro do *Livro de Defuntos:*

« Dopo l'inundazione del Tevere del 28 Decembre 1870 S. E. il Sig. Conte de Thomar Inviato Straordinario e Ministro Plenipotenziario di Sua Maestà Fedelissima presso la S. Sede, ordinò che appena fossero accessibili i sotterranei della R.ª Chiesa di S. Antonio dei Portoghesi, si visitassero e vi si facesse una esatta ispezione delle casse mortuarie, per vedere se fossero state mosse dai loro posti, o danneggiate delle acque, e quindi si provvedesse in modo che non potessero piu rimuoversi o soffrir danno in simili eventualità.

« Non prima però del mese di maggio 1871 si potereno cominciare i lavori per togliere la melma ivi depositata dal fiume, e nel 19 dello stesso mese li sottoscritti D. Michele da Cunha Ospedaliere, e D. Antonio Zerletti Sagrestano della sudetta R.ª Chiesa, insieme all'Architetto, essendo resi praticabili i sottorranei summenzionati, vi fecero il primo accesso, e quindi successivamente altri in diversi giorni fino al 29 Luglio 1871, nei quali accessi, essendo presenti i sunnominati, fu trovato che erano state trasportate e danneggiate dalle acque otto casse mortuarie, cioè:

— Cassa senza alcuna iscrizione con uno stemma gentilizio (con una torre e due croci ✠)
— Altra senza alcuna iscrizione
— Altra ugualmente senza alcuna iscrizione
— Altra con l'iscrizione *Tiburcio José da Cruz. N. Trancozo Portugalliae* XXVI *Maii 1799. Ob. Romae* VII *Mart. 1861. R. I. P.*
— Altra con l'iscrizione *Jozeph Emanuel Pinto de Souza*

Ord. D. N. Jesu Christi Commendator. Regis Fidelissimiapud S. Sedem Legatus. Obiit Romae die XXVI *1818 Aetatis suae A. P. M. LX.*

— Piccola Cassa con l'iscrizione *Francesco da Silva figlio di Marciano Portoghese die etá... A. D. 1861.*

— Cassa contenente le spoglie mortali del Visconte de Itabaiana.

— Cassa con l'iscrizione *Alphonsus de Migueis. Vixit ann. 1. menses 9. d. v. Obiit. die* XVIII *Maii...*

Fu anche trovata nella camera mortuaria sottoposta alla Cappella di S. Antonio Abate una cassa di piombo scoperchiata ed ingombrata dalla melma e si riconobbe esser quella che rinchiudeva il Commendatore Domenico Antonio de Sequeira, e poche ossa vi erano rimaste dentro.

Nella stessa camera mortuaria e negli altri sotterranei, nei diversi spurghi fatti, furono rinvenuti altre ossa disperse.

Per adempire alla seconda parte del detto ordine, le *tre casse* senza iscrizione, e le altre tre contenenti le ossa di Tiburcio José da Cruz, del Commendatore José Manuel Pinto de Sousa, e di Francesco da Silva, in tutto *sei casse*, furono collocate nella camera sotto la Cappella di S. Elisabetta, e murate all'intorno con volta sopra.

La cassa contenente Alfonso de Migueis fu collocata insieme alla altre appartenente alla famiglia de Migueis nella Camera Mortuaria sottoposta alla cappella di S. Caterina.

La cassa contenente il Visconte de Itabaiana fu rinnovata, e nel giorno 4 luglio 1871 collocata nel posto corrispondente alla soprastante cappella di S. Giovanni Battista con l'iscrizione: « Visconde de Itabaiana » come il tutto meglio consta dal verbale del sudetto giorno 4 luglio 1871.

Le ossa ritrovate disperse in tutti i sotterranei, comprese quelle che stavano nel sotterraneo della Cappella di S. Antonio Abbate, e le poche rimaste del Commendatore Domenico Antonio de Sequeira, di cui sopra si è detto, furono tutte collocate in apposito locale sottoposto alla Cappella di S. Elisabetta, ove a tal scopo fu construita altra opera muraria in prossimità di quella sopra indicata, e parimente venne chiusa con una volticella.

Finalmente le due casse contenenti il Conte e la Contessa de Penamacor esistenti sotto la cappella di S. Antonio Abbate, nel mese di Giugno 1871 furono nello stesso luogo murate all'intorno e al di sopra, e vi fu apposta una iscrizione indicante i detti personaggi.

E perchè il tutto consti in ogni futuro tempo è strato da me sottoscritto segretario della Commissione Amministrativa della sudetta Regia Chiesa, redatto il presente verbale.

Roma questo di 30 Luglio 1871 (firmati) *P.e Miguel da Cunha, P.e Antonio Zerletti, Francesco Navone Archº Mis.re, Giovanni Desideris, Giovanni Alvares de Castro Segretarii della sud.a comissione.* Per copia conforme all'originale esistente in Archivio. L.º 5.º Nº III. Roma li 5 Agosto 1871 (a) *Giovanni Alvares de Castro.*

¡Pobre Sequeira! ¿Porque o haviam de ter ido buscar a S. Lourenço, onde a nossa admiração e piedade poderiam um dia recolher seus ossos e transportá-los para o panteon dos grandes homens de Portugal?

Que tristeza a daquele lôbrego subterrâneo de Santo António dos Portugueses, onde, sem uma

lápide ou um simples sinal, os ossos dispares misturados com os de outros inumados, repousa e gela numa atmosfera de cisterna o que resta da carcassa daquele que foi, sem contradição, o maior desenhador de quantos houve em Portugal!

O ELOGIO ACADÉMICO

Guardo para o fim dêste trabalho a transcrição do elogio académico do pintor, proferido na Academia de S. Lucas em 31 de Março de 1837, pelo cavaleiro Tomaso Minardi.

Nele se indicam a época do seu nascimento, a pessoa que o enviou a estudar para Roma, «a proprie spese», D. Maria I, as pensões, cargos e honrarias que recolheu, os factos capitais e conhecidos da sua vida até à vinda para Roma, em 1826.

Desta época em diante as notícias começam a ser mais interessantes. Assim, o panegirista afirma que «l'imperadore del Brasile, D. Pietro I nel febbraio del 1830 lo insigni dell'ordine del Cruzeiro». Não seria portanto em 1826 que a venera lhe foi concedida, como se julgava (1). Outra novidade é a de que o nomearam os seus consócios da Academia,

---

(1) Luís Xavier da Costa. *Obra citada*, pág. 125.

Conselheiro da classe de pintura, cargo reservado aos mais ilustres. E, finalmente, o elogio fúnebre revela-nos que Sequeira não chegou a tomar conhecimento das últimas homenagens que o país lhe tributava.

Segue a transcrição, extractada, mercê da concessão do Professor Tomassetti, do Livro das Congregações de S. Lucas.

«Insigne e Pontificia Accademia di S. Luca. (1)
Congregazione Generale dei 31 di marzo 1837.

Il Sig. Cav. Tommaso Minardi Presidente ha radunato la Congregazione Generale dell'Accademia, alla quale sono intervenuti i seguenti signori Professori Accademici di merito *(v. l'annesso foglio di presenza).*

1.º Col più vivo rincrescimento dobbiamo annunciare la perdita fatta dall'Insigne e Pontificia Accademia nella persona del chiarissimo pittore Sig. Commendatore Domenico Antonio De-Sequeira. Era egli nato in Lisbona il dì 10 di marzo 1768, e fin da giovinetto aveva atteso con tale profitto al disegno, che in età appena di vent'anni la regina d.Maria I lo elesse cattedratico nell'accademia portoghese. Ma il De-Sequeira, che non ambiziosamente, ma di amor vero amava l'arte, ringraziò la benigna sovrana di quel favore, e piuttosto le chiese di essere inviato a Roma per veder da vicino e studiare questi capo-lavori. Aderì facilmente d. Maria all'onesto desiderio del giovane, e subito a proprie spese volle che qua venisse nel 1788.

---

(1) Volume. 170. N.º 142.

Il De-Sequeira si pose in Roma a studiar l'arte nella scuola di Antonio Cavallucci da Sermoneta, illustre pittore di quell'età: e tali avanzamenti vi fece che essendosi nel 1789 presentato al Concorso Clementino dell'accademia nostra, fu reputato degno del secondo premio della prima classe, avendo avuto il primo Luigi Agricola. Animato egli da sì autorevole suffragio, raddoppiò talmente il suo zelo nell'arte, che in pochi altri anni ne fu reputato maestro: sicchè l'Accademia di S. Luca per proposizione fattane da esso Cavallucci, nell'adunanza del 6 di ottobre 1793 lo annoverò a pieni voti fra i suoi accademici di merito.

Nel 1795 la sua sovrana, paga di tanti progressi e di quell'onore accademico, gli concedè una pensione vitalizia di s. 350 annui: e quindi nel 1802 lo nominò primo pittore di corte con altri scudi 2500 all'anno. Nè questo bastando alla reale munificenza, nel 1805 lo dichiarò cavaliere dell'ordine di Cristo, e nel 1806 lo inviò alla città di Porto in ufficio di direttore della scuola di pittura nella regia Accademia di marina e di commercio.

Nelle note sciagure, che indi colsero la famiglia di Braganza costretta di fuggirsi al Brasile, non dimenticò il De-Sequeira l'ossequio e la gratitudine verso quella grande sua benefattrice: perchè tornata in Europa, fu egli nuovamente ed a grande onore richiamato alla corte, non solo come primo pittore, ma come precettore nel disegno de' figli di d. Giovanni VI: ed ebbe ordine di fare le invenzioni della grande argenteria, che la corte di Portogallo nel 1815 presentò in dono al duca di Wellington per avere potentemente aiutati il Portogallo e la Spagna a cacciare i francesi dalla penisola. Erano in quest'argenteria rappresentate a rilievo tutte le vittorie del generale britanno: stupendissime fantasie, ch'esposte al pubblico in Londra

fecero grandemente salir la fama dell'artista inventore, il quale da d. Giovanni ne fu poi rimeritato di un'altra pensione di s. 500 annui per se e pei suoi figli.

Ricco per tal modo il De-Sequeira dei beni che dà la fortuna, e non meno nell'arte riputatissimo, desiderò infine di ritirarsi da' tumulti e dalle vicende della corte, e ridursi a vivere tranquillamente. Recossi adunque a Parigi, dove per alcun tempo dimorò ad osservare le cose più rare di quella capitale: indi nel 182... tornò a Roma per non più dipartirsene, siccome quegli che piissimo nulla più vivamente desiderava che di essere nella sede della sua religione. Qui però nuovi onori lo attendevano: imperocchè non ci venne sovrano, che fra' più celebri artisti non volesse visitare il De-Sequeira: l'imperadore del Brasile D. Pietro I nel febbraio del 1830 lo insignì dell'ordine del Cruzeiro: e voi, o signori, nell'aprile del 1834 lo eleggeste consiglieri della classe della pittura in luogo del defunto cav. Wicar. Ma l'onorando uomo non potè, com'egli desiderava, dimostrare tutta la sua gratitudine: chè divenendo indi a poco appopletico, egli abbandonò affatto le cose non pur dell'arte, ma del mondo: d'altri non volendo più essere che del suo Dio, nè d'altro parlare che della caducità del opere umane. Visse in questo stato più di tre anni: e finalmente il dì 8 del cadente marzo, colto da un nuovo colpo di appoplessia, passò placidamente di questo secolo, senza aver saputo i nuovi favori della sovrana sua, che con decreti dello scorso mese di febbraio innalzavalo alla dignità di commendatore dell'ordine di Cristo, e di direttore della R. Accademia di belle arti di Lisbona. Le sue ossa, dopo l'onorevole funerale a cui voi, o signori, voleste assistere nela chiesa parrochiale di S. Marcello, furono dalla pietà della figlia e del genero Sig. Cav. De-

-Migheis fatte trasportare al Campo Santo, dove fra poco avranno una memoria degna di tanta fama e di tanta virtù.

Delle opere sue lascio a voi ed all'Europa il giudicarle. Io non dirò altro, se non che molte se ne vedono nella Real Cappella di Lisbona: che fece un *Camoens* per l'imperadore del Brasile: una *Maddalena* per non so quale principessa russa: una *Fuga in Egitto* pel visconte di Pedra Branca: una *Fede* per la granduchesa Elena di Russia: un *Battesimo di N. S.* pel duca d.Marino Torlonia: una *Deposizione di N. S.,* ch'è presso gli eredi: il *Giudizio universale* e l'*Ascensione*, che non potè compiere: e finalmente l'*Adorazione dei Magi,* che si reputa il suo capolavoro.

. . . . . .

« Sig.[i] Professori Accademici di merito dell'insigne e pontificia Accademia di S. Luca intervenuti alla Congregazione Generale dei 31 di marzo 1837.

Tom. Minardi, Franc. Podestà, Gio. Reinhart, L. Durantini, F. Benaglio, Gio. Silvagni, Gio. Dom. Navone, Giacomo Palazzi, Giovanni Agurri, Antonio Parti, Pietro Tenerani, Antonio Solà, Rinaldi, L. Canova.

Á margem encontra-se, escrita a lápis, a seguinte nota: *La Decollazione di San Giovanni Battista nella Galleria accademica è sua. (a.) Fallani.*

CONCLUSÃO

Aqui termina a série de notas documentais e de observação directa que, acêrca da vida do pintor Domingos António de Sequeira e da sua obra, recolhi em Roma nas férias de 1920 e 1922.

¿Pequeno e incompleto o trabalho? Talvez. É porém à custa de numerosas contribuïções como esta que se vai tecendo e armando a história dos grandes homens.

Da vida do pintor na capital da Itália, depois do livro do Dr. Teixeira de Carvalho e desta monografia, o que de mais interessante existe para ser publicado é a correspondência de Sequeira para os Cometti, os amigos hospedeiros que o albergaram em sua casa, correspondência a que Sousa Holstein tantas vezes se refere. Não consegui obtê-la ainda, mas a sua falta não é insanável, por quanto eu não quis escrever nem uma biografia nem um romance.

Esperar, demorar muitas vezes por largos anos,

uma publicação, porque nos falta uma informação, um documento que esclareceria determinado ponto, não é para o nosso tempo nem para o meu temperamento.

Porque muito esperaram homens aliás eminentes e sabedores dentro do campo artístico é que Portugal não possui ainda uma História de Arte...

INDICE DOS CAPITULOS

Pág.

PREFÁCIO . . . . . V-VI

PRIMEIRA ÉPOCA

Chegada a Roma 3
O retrato de José Pereira Santiago 6
A excursão a Grotta-Ferrata 16
Os concursos de 1789 21
Sequeira académico 32
A encomenda do «Intendente» 39

SEGUNDA ÉPOCA

Estabelecimento definitivo em Roma 45
O retrato de D. João VI 49
A pensão de Sequeira 64
A morte do artista 71
O elogio académico 81
Conclusão 86

EDIÇÕES

DA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA DA ARTE PORTUGUESA

(Colecção louvada pelo Ministério da Instrução Pública)

Publicados:

I. — VERGÍLIO CORREIA. — Um túmulo Renascença. A Sepultura de D. Luís da Silveira em Gois. Com um prefácio do Dr. Teixeira de Carvalho. 1 vol. broch. 3$00

II. — D. CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS. — Algumas palavras a respeito de púcaros de Portugal. Ed. refundida e ilustrada. 1 vol. broch. . 5$00

III. — INDEX DA FAZENDA DO MOSTEIRO DE CELAS. — Manuscrito de Fr. Bernardo d'Assunção, publicado e revisto pelo Dr. Teixeira de Carvalho. 1 vol. broch. . . . 5$00

IV. — JOSÉ DA CUNHA TABORDA. — Regras da arte da pintura, com breves reflecções críticas sobre os caracteres distinctivos das suas escolas, vidas e quadros dos seus mais célebres professores. Escritas na língua italiana por Michael Ángelo Prunetti e acrescida duma Memória dos mais famosos pintores portugueses e dos melhores quadros seus. 1 vol. broch. . . . . 6$00

V. — CYRILLO VOLKMAR MACHADO. — Collecção de Memórias, relativas ás vidas dos pintores, e escultores, architectos, e gravadores portuguezes, e estrangeiros, que estiverão em Portugal. Revista e anotada pelos Drs. Teixeira de Carvalho e Vergílio Correia. 1 vol. broch. . . . . 7$00

VI. — VERGÍLIO CORREIA — Sequeira em Roma. Duas épocas (1788-1795 — 1826-1837).

A sair:

PEDRO FERNANDES TOMÁS. — Canções da Beira.

D. JOSÉ PESSANHA. — Subsídios para a história das artes industriais em Portugal.

J. C. RODRIGUES DA COSTA. — João Baptista, gravador Português do século XVII (1628–1680). Contribuição para a história da gravura em Portugal.

ANTONIO AUGUSTO GONÇALVES. — Estatuária lapidar no Museu Machado de Castro de Coimbra. Com ilustrações.

HENRIQUE FERREIRA LIMA. — Joaquim Rafael, pintor portuense.

D. JOÃO IV. — Defensa de la música moderna contra la errada opinion del obispo Cyrillo Franco. Rev. pelo Sr. Viana da Mota.

JOAQUIM MACHADO DE CASTRO. — Opúsculos. Ed. revista pelo Sr. H. Ferreira Lima.

VERGILIO CORREIA. — Artistas de Lamego.
Santa Cruz de Coimbra. — Artistas e obras de arte.
Artistas portugueses em Itália.

A. CALDEIRA PIRES. — História do palácio nacional de Queluz. Com ilustrações.

GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00028 1580